

# ILUSTRACÃO PORTUGUESA

2.ª SERIE — N.º 938

9 — FEVEREIRO — 1924





# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Redação, administração e oficinas  
RUA DO SÉCULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL  
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-  
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00  
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUESAS:  
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-  
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

Bordados e Mobílias  
DA ILHA DA MADEIRA  
**PEROLA DO ATLANTICO**

Rua do Lo et., 67

**Mães** QUE CUIDAM da saúde dos  
seus filhos aconselhamos a  
*Farinha Lactea Cister*, unico ali-  
mento completo e q e, pelo seu es-  
merado fabrico allado a modicidade  
do seu preço, rivalisa com as es-  
trangeiras. A' venda em todas as  
mercearias, farmacias e drogarias.  
Pedir amostras aos depositarios:

BORGES MARQUES & C. Lt.ª

R. ARCO BANDEIRA, 159

**M**aquinas de escrever  
NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções ga-  
rantidas — Acessorios  
J. Anão & C.ª, Ltd. R. Fanqueiros,  
376, 2. — Tel. 3536 N.

## Casa Adão

CHAS, CAPES, LICORES,  
CHAMPAGNES, VINHOS DO PORTO E DA MA-  
DEIRA DA ANTIGA CASA

FERREIRINHA DA REGOA  
e de F. F. FERRAZ & C.ª L.ª

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem

—76, Rua dos Retrozeiros, 77 e 75-2.ª—

Escritorio

Rua Augusta, 70, 3.º

Telefone 1566-C.

Lêr o proximo numero do SUPLEMENTO de

MODAS & BORDADOS

## Bebam

# AGUA

DE

# S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

## = DOENTES =

Do estomago, rins, figao e intestinos,

a triticos, obesos e unjaticos, nervosos e mentais;

Por graves ou antigos que sejam os vossos padeci-  
mentos, **responsabilizo-me da sua cura** por  
meio dos meus especiais tratamentos NATURO-  
PSICO-MAGNETO TERÁPICOS.

DR. INDIVERI COLUCCI

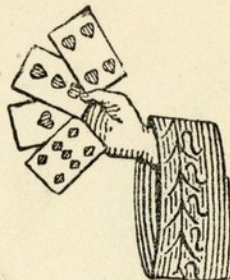
RUA CIDADAO JOAO GONÇALVES, 20, 2.º, E.

(AO INTENDENTE)

TELEFONE 2.788-N.

M. ME VIRGINIA

CARTOMANTE-VIDENTE

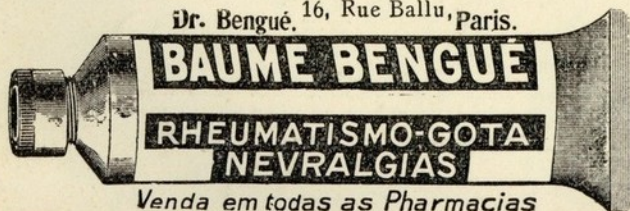


Tudo esclarece no  
passado e presente e  
prediz o futuro.

**Garantia a todos os  
meus clientes:** com-  
pleta veracidade na  
consulta ou reem-  
bolsa do dinheiro.  
consultas todos os  
dias v. eis das 12 as 22  
horas e por corres-  
pondencia. E n v i a r  
1\$00 para resposta da  
carta

**Calçada da Patriar-  
cal, n.º 2, 1.º, Esq.**  
(Clmo da rua da Ale-  
gria, predio esquina).

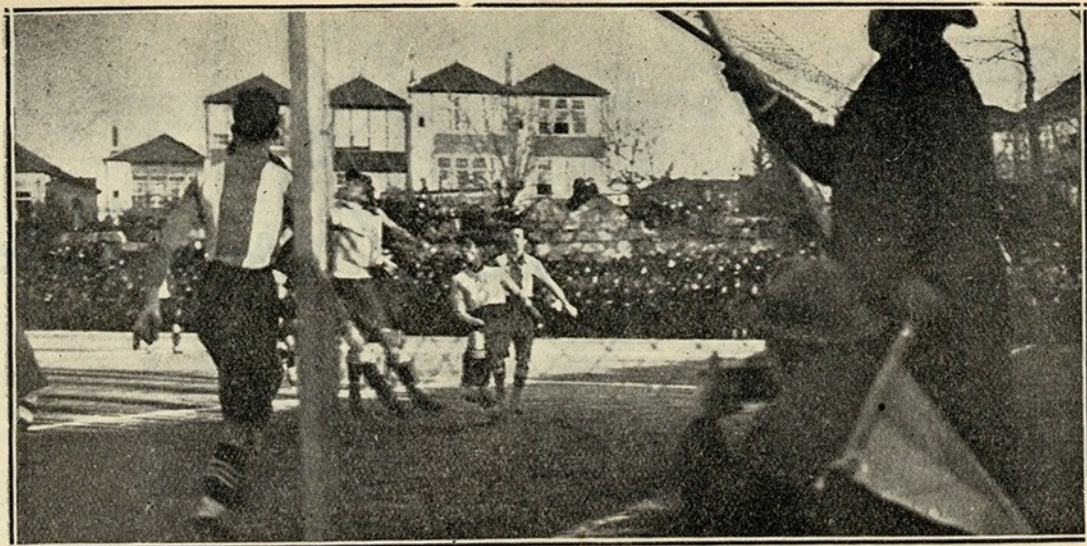
Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.



## ILLUSTRATION FRANÇAISE

Vende-se 500 numeros avulso.  
Estado novo. Avenida da Liber-  
dade, 186. Dirigir-se ao porteiro.





As redes do Porto em perigo (um aspecto do match entre o S. C. P. de Lisboa e o F. C. P. do Porto)

## TODOS OS "SPORTS,"

NESTES ultimos tempos, os encontros de *foot-ball* tem provado, duma maneira evidente, que, sendo esta modalidade de *sport*, um «jogo», a parcela «sorte», se não é a mais importante, torna-se, com tudo imprescindível.

Os aficionados, aqueles que por nunca faltarem um domingo aos desafios, se julgam, suficientemente conhecedores para poderem prognosticar, com grande antecedencia os resultados, tem tido surpresas extraordinarias.

Depois do 0-0, Porto-Lisboa, e do 3-2, Bemfica-Sporting, surge a formidavel derrota infligida pelo Casa Pia aos Belenenses e o inesperado empate do Victoria com o União!

Hoje aposta-se, nas bancadas dum campo, como nas corridas de cavalos, o que torna o caso mais grave, pois qualquer dia é capaz de ser proibido o *foot-ball* por pertencer á categoria dos «jogos de azar»...

—O encontro Casa Pia-Belenenses, presenciado por uma grande assistencia, apenas despertou interesse no final.

O jogo manteve-se monotono até meio da segunda parte, quando os homens do grupo de Belem reagindo, fortemente, conseguiram «engarrifar», por momentos, o onze adversario.

O primeiro tempo terminou com o resultado 1-0, a favor da Casa Pia, sendo no decorrer do segundo que este grupo obteve mais cinco bolas, a seu favor e os belenenses marcaram a sua unica bola.

O Casa Pia fez uma boa exhibição, talvez mesmo a sua melhor exhibição desta temporada.

Dos seus jogadores ha a salientar J. Gralha, ponta direita, que trabalhou com invulgar pericia.

Durante a segunda parte, o Casa Pia, modificou a disposição da sua linha, o que, segundo o nosso criterio lhe não trouxe beneficios, pois Candido de Olivei-

ra e Antonio Pinho são melhores na meia-defeza e defeza. Os Belenenses, que não mereceram tamanha derrota, jogaram, no emtanto, mal, tendo-se notado, principalmente, grande falta de remate.

A arbitragem de Victor Gonçalves foi imparcial.

—O encontro União-Victoria, em que nenhum dos grupos conseguiu furar as redes adversarias, foi jogado sem brilho,

O Victoria posto que dominasse, nitidamente, o União, jogou sem coesão, falho de acerto e de sorte. O União defendeu-se e bem, conseguindo desnortear o ataque setubalense. A arbitragem foi boa.

—Começou tambem no ultimo domingo, no Porto a disputa da segunda volta do Campeonato, realisndo-se os encontros no campo Soares dos Reis, em Vila Nova de Gaia.

O Academico venceu o Vilanovense por 3-1, depois dum jogo mau e pouco movimentado.

O Porto venceu o Boavista por 2-1, sendo a bola deste ultimo obtida na marcação duma grande penalidade, aplicada contra o adversario.

—Felix Bermudes, nome conhecido no nosso meio desportivo, classificou-se em primeiro logar na disputa do Campeonato Nacional de Florete (juniors), organizado pelo Gimnasio Club Portuguez.

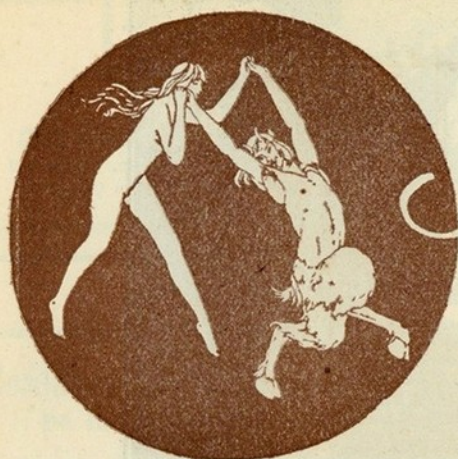
Concorreram ao campeonato vinte atiradores representando a Escola de Esgrima do Exercito, Centro Nacional de Esgrima, Gimnasio Club Portuguez, Lisboa Gimnasio Club, Grupo de Armas e Sport e Sociedade de Esgrima e Espada.

A classificação final do campeonato, cuja disputa se realison com a maior correção, foi a seguinte:

1.º Felix Bermudes, L. G. C.; 2.º Vasconcelos Ruas; 3.º Ferreira Santos, S. E. E.; 4.º cap. Sacramento Monteiro, E. E. E.; 5.º ten. Monteiro Liborio, E. E. E.; 6.º ten. Brazil, E. E. E. e 7.º Lobo Alves, C. E. E.

D. C.





# Silva Poetica

## SAUDADE...

A flôr que, sobre a haste, além s'inclina  
viçosa, rubra como bôca em chama,  
que o nosso olhar atrae, que nos domina  
—envelhecida, não é mais que lama.

A lua do Pierrot que, em prata fina,  
emoldura a janela de quem ama  
o brilho perde quando, esmeraldina,  
a Aurora se levanta e o espaço inflama...

Qual a estrela que, ao longe, empalidece  
assim, mal nado, o Amor logo fenece  
ao sopra da menor contrariedade...

Pois nesta vida, aonde tudo passa,  
só vive sempre vivo e em plena graça  
o prazer de sofrer que é a Saudade!...

ANTONIO DIAS COSTA.

## DESPEDIDA

(A Alguem)

Era á tardinha... O sol, o eterno caminheiro,  
Concluida a jornada extensa desse dia,  
Poisava sobre a aresta obliqua dum outeiro,  
Contristado, talvez, da mágua em que nos via...

A brisa balouçava as franças do salgueiro  
— Testemunha fiel de tudo quanto ouvia!... —  
Junto ao qual, muita vez, num divagar fagueiro,  
Soltámos rédea franca á nossa fantasia...

Então, com muito ardor e comovido geito,  
Terminaste dizendo: «...O meu puro amor, esse,  
Nunca o deixes — por Deus! — abandonar teu peito...»

Formulei uma jura... E, osculando-te as faces:  
Tu pediste, a chorar, que nunca te esquecesse;  
E eu parti a temer que, em breve, me olvidasses!...

LISBOA, Carmo, 19—11—923.

ANTONIO VIEIRA.  
(2.º cabo da G. N. R.)



# O Lar



## FRIVOLIDADES

A mulher é capaz de grandes sacrifícios e abnegações. O homem amado pode pedir-nos que passemos fome, que sofrámos todas as dores, que lhe sacrificuemos a própria vida; mas, se não quizer ouvir uma recusa formal, não nos peça que vivámos sem espelho. Seria preferível matar-nos, porque a existência de uma mulher privada de espelho equivaleria a uma morte em vida.

É, para todas nós, um objecto de primeira necessidade, tão indispensável ás bonitas como ás feias. Todas nos contemplamos nele com a mesma atenção — as bonitas a mirando-se e congratulando-se; as feias, prescrutando-o atentamente, na esperança de ver aparecer, de um momento para o outro, qualquer inesperado encanto; as próprias saloias que, á primeira vista, não parecem trazer grandes preocupações de garridice, possuem-o, comprado com as suas economias numa feira qualquer e consultam-o, ainda que não seja senão á hora da missa.

Não ha uma unica casa, por mais pobre e miseravel, onde elle não tenha o seu lugar marcado.

Então, para a mulher que conhece o bñton e o pó de arroz, tornou-se um accessorio obrigatorio; já nenhuma sabe dar um passo sem esse imprescindivel espelho, quer esteja no sacco ou na algibeira, pois é hoje considerado indispensavel ao que um garoto chamaria irreverentemente: — a restauração da fachada. E, digamo-lo de passagem e em voz baixa, ha homens que são bem mulheres por essa fraqueza e que, de quando em quando, surgem com um espelhinho entre mãos; mas, esses... nem merecem critica, estão abaixo dela. Nestas condições, não admira que se tornasse assunto de preocupações constantes para aquelles que têm a seu cargo lançar no mercado objectos de toilette feminina.

Como tudo quanto toca á nossa garridice está sendo constantemente modificado, transformado, renovado, de forma a poder captar o nosso capricho sempre inconstante!

A ultima e grande novidade é o espelho que não se esconde, o que está constantemente á luz do dia, e não se occulta entre a caixinha de pó de arroz e o estojo do carmin, aquele que afronta todos os olhares, preso ao pulso ou ao peito por uma fita de veludo ou um cordão de fantasia.

E, quem que lhes diga, simpatiso com esse espelho que apparece francamente desfrutando censuras e reparos. Ha qualquer

coisa de galhardo e leal na sua falta de dissimulação e com certeza esta nova forma de o usar dará ensejo a novas atitu-



des graciosas que atrairão a atenção dos homens de bom gosto. E — como é para elles, ai de nós! que vão todas as nossas intenções, acho bem!

É, afinal, para que esconde-lo? Que mal ha no prazer que sentimos em contemplar a nossa imagem? A propria natureza no-lo ensina. Reparem como a lua se compraz em fitar longamente o seu reflexo no mar, nos lagos, nos rios, contentando-se, mesmo, filosoficamente, na sua falta, com um balde d'agua.

## RESPOSTAS AO INQUERITO

Abandonar-la o lar, sem uma hesitação. De resto, todo o meu amor teria morrido ao ouvir a declaração de meu marido.

*Uma orgulhosa*

Prende-lo-hia com os meus beijos.

*Uma affectiva*

Odiaria essa mulher, procuraria conhece-la para me vingardes de qualquer manelra sobre ella.

*Uma vingativa*

A vingança é o prazer dos deuses. Fugia com um outro homem.

*Maria Clara*

Matava-me.

*Uma desesperada*

Dedicar-me-hia aos meus filhos se os tivesse; caso contrario, aos pobres, aos doentes, aos presos. Consolar o sofrimento alheio, faz minorar o nosso.

*Uma resignada*

Rezava e esperava.

*Uma cristã*

Permita que um homem responda ao seu inquerito, que o interessou extraordinariamente. Se o caso se desse com uma irmã minha, aconselhava-lhe que redobrasse de ternura e carinho, lembrando-lhe a frase do Antigo Testamento: «Um abismo de amor atrae outro abismo de amor.»

*Um eremita*

## AMADORES DE MUSICA

Ha dias falei com uma senhora da provincia que adora a musica, a boa musica, mas que não pode estar constantemente a caminho das capitães do sul e do norte para ir assistir aos concertos que ahi se dão. Quei-

## CALENDARIO DA SEMANA

Fevereiro — 29 dias

- 10 — Domingo — S. Escelastica.
- 11 — Segunda-feira — S. Lazaro, S. Adolfo.
- 12 — Terça-feira — S. Eulalia.
- 13 — Quarta-feira — S. Gregorio
- 14 — Quinta-feira — S. Valentim.
- 15 — Sexta-feira — Tr. de Santo Antonio.
- 16 — Sabado — S. Porfirio.



xava-se ela amargamente de estar privada dessa necessidade do seu espirito, sem esperança de poder remediar o mal.

Afinal, não se poderia remedia-lo? Porque não se hão de cotisar a principais familias das cidades e vilas das provincias e contratar algumas das celebridades nacionaes e estrangeiras, que tão frequentemente deliciam os amadores de musica de Lisboa e Porto.

Tanto em Franca como em Inglaterra ha, em diferentes cidades, clubs de musica, onde os socios — quasi exclusivamente socias — dão uma quota mensal e contractam todos os trimestres um bom artista, para lhes ir dar um, dois ou tres concertos. Porque não havemos nós de fazer o mesmo cá em Portugal? Ahí fica o alvitre para as minhas leitoras da provincia.

**MENÚS DA SEMANA**

**Domingo**

**Almoço**

Arroz de mexilhão  
Costeletas de carneiro  
com batatas fritas  
Cacau

**Jantar**

Sopa de tapioca  
Sônhos de carne  
Vitela estufada  
com broculos  
Arroz imperial

**Segunda feira**

**Almoço**

Salada de peixe  
Isclas  
com puré de batata  
Chá ou café

**Jantar**

Sopa  
de feijão encarnado  
Peixe cozido  
com molho de ostras  
Carneiro assado  
com espedregado  
Ovos brancos

**Terça feira**

**Almoço**

Pasteis de peixe  
com salada  
Bifes panados  
Café com leite

**Jantar**

Sopa de ovos  
Peixe guisado  
Carne de porco  
com molho picante  
Sônhos

**Quarta feira**

**Almoço**

Bacalhau albardado  
Carne guisada  
com nabos  
Cacau

**Jantar**

Sopa d'arros com grão  
Pasteis de ameijoas  
Lombo frito  
Chá ou café

**Quinta feira**

**Almoço**

Assorda de chouriço  
Bifes com puré  
de batata  
Café com leite

**Jantar**

Sopa de massa  
Peixe gratiné  
Carne cozida com molho  
de farinha torrada  
Pudim de limão

**Sexta feira**

**Almoço**

Pastelão de carne  
Couves com linguça  
e ovos escalfados  
Cacau

**Jantar**

Sopa de pão  
Tigelinhas de camarão  
Carneiro enrolado  
Sopa dourada

**Sabado**

**Almoço**

Ovos com tomate  
Gigot de carne  
Creme de banana

**Jantar**

Puré de legumes  
Feijão branco  
com orelheira  
Peixe recheado  
com presunto  
Doce de tomate

aspecto vistoso, tambem as galochas se vestem de castanho vivo e as peles se pintam de cores garridas quando servem de guarnição aos vestidos.

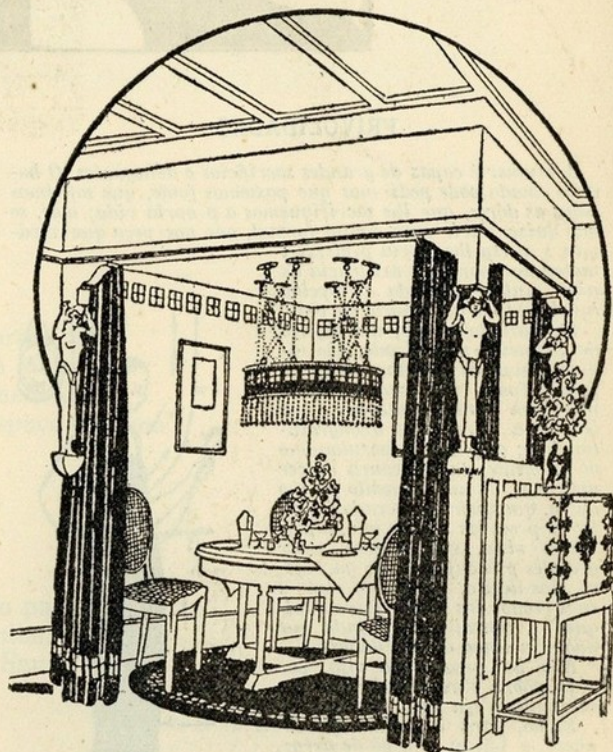
São bonitas, são feias estas modas?

O bonito e o feio é relativo e varia de pessoa para pessoa.

O que posso afirmar é que, a mim, pessoalmente, não me encantam.

**CASAS MODESTAS**

Neste tempo em que ha uma tal dificuldade de se encontrar casa, muitas familias vêem-se obrigadas a residir apenas em alguns quartos, tendo, nesse caso,



**DE RASPAO**

As côres estão em moda. Antigamente, o distinto, o elegante, era não dar nas vistas, nem pela toilette nem pelo ambiente que nos cercava. Agora, como diz o medico á força, *Nous avons changé tout cela*. Só tem djreiro á designação de elegante quem se cercar, em sua casa, de mobilia profusa e garridamente colorida, quem se vestir de trajos vistosos e quem der aos mil e um pequeninos objectos, que fazem parte da vida diaria, côres vivas e ber-rantes.

As ultimas novidades em artigos coloridos são as lunetas e oculos para senhora. As lunetas, grandes, são orladas de metaes pintados ou de celuloide, e as côres que mais se vêem são o verde, o azul, a eôr de tijolo, etc.

A peça que liga as lentes é formada por um muito tenue fio de ouro aparafusado ás orlas, de maneira quasi invisivel. Os oculistas terão de estudar com cuidado as suas clientes ao escolher-lhes os oculos, sob pena de fazer do mundo uma exposição de caricaturas. E não são apenas os oculos que arvoraram um

de passar frequentemente sem sala e receber as suas visitas no mesmo aposento onde trabalham ou tomam as suas refeições.

Lembro, a quem estiver nestas condições; que faça uma ivisoria no maior aposento de que possa dispôr, formando, assim, uma pequena alcova, que serviria de casa de jantar.

No espaço reservado para este fim, estaria incluida uma janela e a divisoria seria feita por cortinas de peluche *grenat* ou carmezim, ou por qualquer outro tecido pesado, nos mesmos tons.

A nossa gravura mostra um desses recantos adaptados para quatro pessoas. Quando se esperarem visitas, pode-se, terminado o jantar, reservar essa alcova para as pessoas de mais idade que gostem de jogar, separando-as, assim, do bulicio da gente nova.

**PENSAMENTOS**

Ha minutos que criam amizades de vinte anos.

*Alexandre Dumas*

O nosso Destino é um alfabeto emaranhado, as suas letras variam de côr e fórma entre as nossas mãos trémulas.

*Léon Daudet*



# SEARA ALHEIA



—Não tem medo que os lobos a comam, meu amorsinho?...  
—Os dentes dos lobos velhos... não metem medo a ninguém...

(De *Le Matin*.)



O juiz—Nada mais tem a dizer?  
O éu—Não, sr. juiz. Mas, se me dá licença, a minha neta aqui presente, vae recitar um trecho do «Mercador de Veneza».

(De *Punch*.)



—Desejo um cento de bilhetes de visita.  
—Sim, senhor. Estarão prontos amanhã.  
—Ah! Julgava que já os tinham feitos!...

(De *Le Petit Parisien*.)



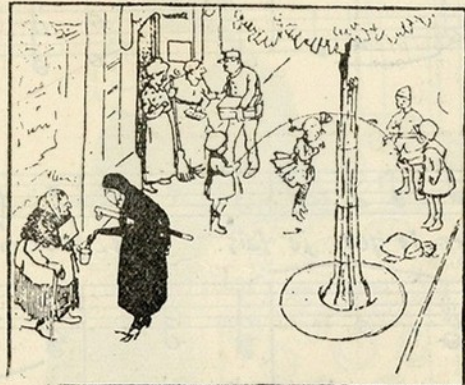
—Perdão, minha senhora! Não era a sua mão que eu tinha a honra de lhe pedir!...

(De *La Vie Parisienne*.)



—Então está contentinha?! Para lhe dar as brôas, aumentei a renda ao inquilino do 2.º andar!...  
—E para as amendoas?...  
—Para as amendoas, tornarei a aumentar-lh'a...

(De *Excelstor*.)



A dama caridosa—E que é feito de seu marido, aquele velhote que costumava estar aqui a pedir, consigo?

A mendiga—Foi para a Holanda. Com a diferença do cambio, o negocio, lá, rende agora muito mais.

(De *Le Rire*.)





LAMENTO D'AMADIS

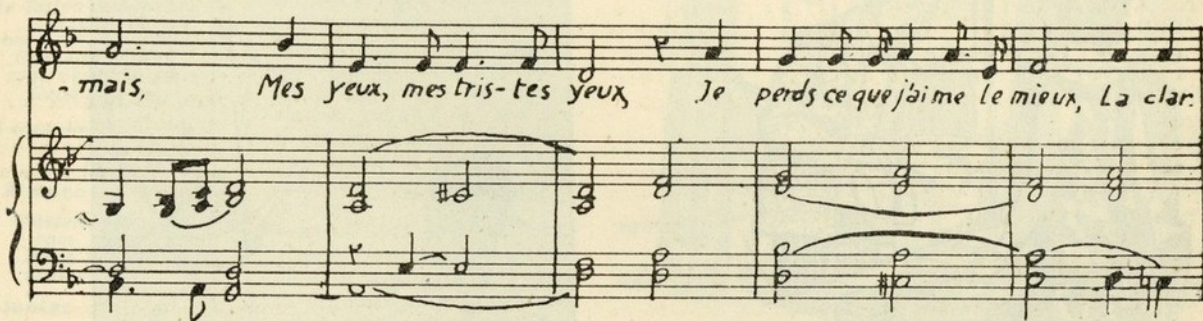
LULLY

CANTO 

For-mez-vous pour ja

Piano 

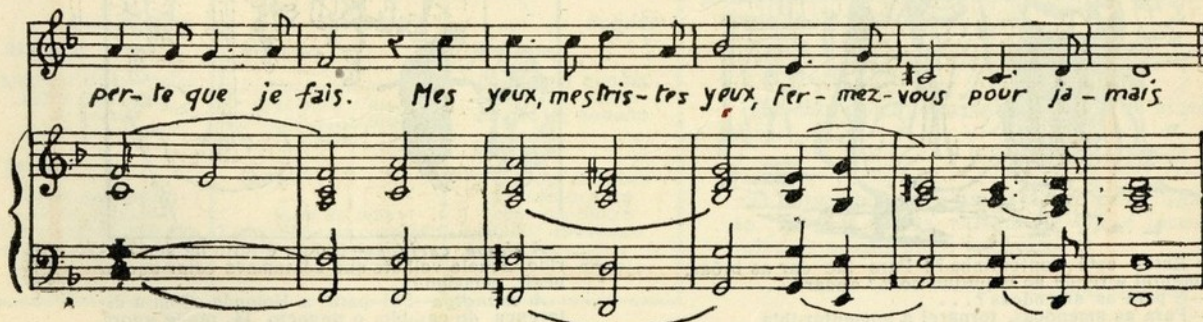
- mais, Mes yeux, mes tris-tes yeux, Je perds ce que j'aime le mieux, La clar.



- té doit m'être ra-vi - e Hé-las! quelle ri-gueur de me rendre la vi - e Pour me fai-re sentir la.



per-te que je fais. Mes yeux, mes tris-tes yeux, Fer-mez-vous pour ja-mais





# Uma Consciência

NA varanda da casa que habitavam, dominando o lago de Neuchâtel, Henriqueta Baldut e sua irmã Luciana Demorant bordavam em silêncio. Era uma d'essas tardes de verão em que parece que tudo dorme na natureza enlanguescida. A intervalos quasi regulares e como se respondessem a uma necessidade constante, as duas mulheres interrompiam o trabalho para admirar durante momentos a toalha de agua imóvel sobre a qual o sol punha reflexos ofuscantes. Henriqueta vivêra sempre nas margens d'aquela lago: o sua infancia, a sua mocidade, a sua vida conjugal ali tinham sempre decorrido em venturosa segurança, e ela repartia com aquela testemunha quotidiana da sua felicidade, um pouco do grande reconhecimento que votava á Providencia que lh'a tinha concedido. Era 10 anos mais velha do que Luciana e parecia sê-lo, mas o tempo passára por ela sem a marcar e, coisa extraordinaria, das duas irmãs só aquela produzia uma impressão de mocidade. Luciana tinha, era certo, lindos olhos e feições delicadas; tudo isso, porem, passava despercebido porque nenhuma expressão de felicidade ou de vida lhe animava nunca o rosto.

Casára seis anos antes com um rapaz francez que conhecêra em Lausanne, quando acabava os seus estudos. Ele fôra ali procurar alivio a uma crise de neurastenia. Muito fino, inteligente, natureza pouco vulgar, exprimia-lhe os seus sentimentos em termos delicados e raros a cujo encantamento ela não soubera resistir.

E resistir porquê? Ele era muito mais rico do que ela, não podia ter nenhuma razão de interesse para lhe propôr casamento...

Os paes de Luciana haviam combatido bastante aquelle projecto de união, mas o futuro devia por muito tempo desmentir as suas previsões pessimistas.

Em seis anos de vida comum, Luciana não tivêra uma unica censura a dirigir ao marido. A educação pura que recebêra deixára-a na ignorancia da paixão, que confundia com a ternura, e como Mauricio era para ela tão solícito e afectuoso como no primeiro dia, velando constantemente pelo bem estar da mulher, prodigalizando-lhe atenções delicadas, Luciana não pensava em perguntar a si propria se preenchia na verdade todas as aspirações do marido, se bastava, emfim, á sua vida.

O primeiro aborrecimento entre ambos veio-lhes da questão do dinheiro.

A' medida que o custo da vida aumentava, os rendimentos de Mauricio tornavam-se insufficientes para o bem estar do casal e foi-lhe preciso procurar um emprego. Repugnando-lhe todas a occupação burocraticas, pensou em tirar partido do talento de *diseur* que possuia, entrando para o teatro. A principio encontrou n'isso dificuldades, e Luciana esperava vel-o renunciar a uma carreira que não lhe agradava, quando, certo dia, o marido chegou a casa dizendo que acabára de assinar um contracto para uma *tournee* á America. Luciana ficou tão surpreendida como pesarosa.

Era tão imprevista aquella viagem!... No momento da partida, Mauricio mostrou-se tão impressionado que foi a mulher que teve de o animar.

\*  
\*  
\*

Na sua solidão a pobre mulher, sentia uma angustia estranha misturar-se á tristeza que a desolava. Lutou, tentou distrair-se, foi ao teatro. Uma noite, a conversa de duas actrizes que na plateia, por detraz do lugar d'ela, conversavam em voz alta, tirou-lhe brutalmente todas as illusões.





— Que é feito da Jeannine Flayelle? perguntou uma. Não a vejo em cartaz nenhum.

— Então não sabes que ela faz parte da *tournée Grand-bois*? Está com o Mauricio Demorant, um tipo que anda doido por ela e que entrou para o teatro para a poder seguir.

Luciana não pensou que aquelas palavras podiam, talvez, não ter fundamento. Teve ao contrario uma ofuscante sensação de verdade e de luz. Vieram-lhe em multidão lembranças, concordando com o que acabava de ouvir, coincidencias e detalhes que haviam precedido a partida de Mauricio e aos quaes não tinha prestado atenção.

Trez dias depois, os jornaes noticiavam que o paquete em que tinha embarcado o marido, chocando com um navio inglez que o tinha apanhado de lado, fôra a pique, morrendo grande numero de passageiros. Mauricio figurava na primeira lista das victimas. Atingida cruelmente na alma e no coração, Luciana atravessou uma crise de desespero louco, uma d'essas crises que apenas deixam ás creaturas a faculdade de sofrer, e cuja tortura parece agravar-se em cada minuto que passa. Alguns dias antes a desgraçada não podia imaginar dôr maior do que a de perder o marido, mas na catastrophe que lh'o arrebatava encontrava ainda uma razão de sofrimento mais forte do que a propria perda do ente que adorára..

Havia uma idéa que a obecejava: era a de que Mauricio tinha morrido nos braços de outra mulher, que outra tinha colhido os seus ultimos beijos, as sus ultimas caricias, o seu ultimo olhar...

\*  
\* \*

Na casa natal onde se acolhêra, como em um refugio, no mais desolador estado de espirito, o seu desespero, pouco a pouco, sem diminuir, fôra no entanto perdendo a primitiva violencia, e a vida monotona que ali se via obrigada a viver com a familia era cheia de recordações sem revolta e de devaneios sem esperança. A existencia da irmã dava-lhe a constante visão do que teria sido tambem a sua existencia se, como ela, nunca tivesse afastado o proprio destino do seu curso normal. Longe, porem, de sentir inveja d' sso, ao contrario, só tinha interesse pela vida e felicidade dos seus, não desejando para si mais nada alem dos momentos, como aquele, em que, ao lado da irmã, trabalhava silenciosamente deante do lago amado da sua infancia.

Uma creadita bem posta e sorridente appareceu na varanda, dizendo:

— Esta na sala uma senhora que deseja falar a M.<sup>me</sup> Demorant.

— Quem é?

— Não disse o nome.

Luciana dirigiu-se para a sala onde a esperava uma elegante rapariga, morena, de rosto ardente e doloroso.

— A quem tenho o prazer de falar?

Com visivel perturbação mas ao mesmo tempo em voz decidida, a visitante pronunciou:

— Jeanine Flayelle.

Luciana empalideceu e nos seus olhos passou uma expressão de sofrimento e uma chama de violencia que subitamente fizeram d'ela outra mulher.

— A minha visita deve parecer-lhe extranha e escandalosa, mas, por Deus, ouça-me até que eu tenha acabado de falar.

— Queira sentar-se.

— Obrigada... Senti, quando lhe disse o meu nome, que *sabe tudo*. Eu tinha imaginado um pertexto para a minha visita, mas assim não é preciso...

«Saiba pois — é necessario — não lhe direi palavras inuteis — que eu amei sinceramente, profundamente o ente que perdeu; que aos meus olhos as nossas relações não eram um simples capricho de artista agradados um do outro.

«Fui muito desgraçada antes de o conhecer e não acreditava no amor; só cedi quando me convenci de que ele me amava verdadeiramente...

«Oh! não quero fazer-me melhor do que sou: a idéa de que ele era casado não me incomodava, quasi pelo contrario... Era como que uma vingança que eu tirava das traições que sofrêra até ali... Aquela *tournée* durante a qual tê-lo para mim só durante mezes, era uma enorme felicidade inesperada, extraordinaria... Só durou cinco dias... Cinco dias que me parecem agora ter sido um longo, muito longo espaço de tempo!

«Depois, subita, brutal, rapida, a catastrophe, as creaturas que se transformam em animaes desvairados, aos gritos, horriveis... Com a idéa da morte, o meu amor exaltou-se; só pensava em Mauricio e agarrei-me a ele porque ele era tudo o que existia para mim...

«Foi então que vivi os mais atrozes momentos. Senti Mauricio longe, muito longe de mim, como se nunca me tivesse conhecido intimamente; repelindo-me quasi, os seus olhos pareciam vêr alguém invisivel para mim e ouvi-o pronunciar varias vezes: «Luciana, Luciana».

«Foi em si, minha senhora, que ele pensou; decerto lhe pedia perdão de a ter abandonado — triste sobretudo de a não ter a seu lado na hora angustiosa da morte... Eu fôra uma fantasia na sua vida e nada mais; talvez de boa fé tivesse julgado amar-me, mas á luz brutal da hora derradeira os seus verdadeiros sentimentos appareceram nitidos, claros...

«Fui salva não sei bem como. Não pôde imaginar o meu desespero perante este duplo desolamento. Quando, pouco a pouco, fui recuperando a serenidade e a coragem, compreendi que se a mulher de Mauricio estava ao corrente das minhas relações com ele, eu tinha obrigação de lhe dizer tudo, o dever de a arrancar á angustia de pensar que Mauricio morreu desprendido d'ela... sem pensar n'ela... Não era justo deixal-a sofrer, minha senhora, o que unicamente, só eu, eu só, devo sofrer...

«Ahi está... Agora deixe-me ir embora sem me dizer nada, aliviada pelo sentimento de que terei um pouco atenuado a sua desgraça... Não é verdade que começa a sofrer menos?... Deve parecer-lhe, sem duvida, que Mauricio lhe foi restituído...

(De Jean Manégat).



## Flôr de Ouro

Produto ideal para tornâr o cabelo na sua côr primitiva. Não suja e evita a caspa. Penteadora a Madrilena.

R. DIARIO DE NOTICIAS, 41 rjç

## SENHORAS!

Quereis ser belas?  
Usai o

CREME  
LOTTY

Fornecedores dos Restaurants  
da Companhia dos Wagens-lits

## ARMAZEM DE VIVERES

JOSE DE PINHO COSTA & C.<sup>a</sup> (L.<sup>o</sup>), Ltd.<sup>a</sup>  
69, RUA DA BITESGA, 73

(Primeiro quartelirão vindo da Rua Augusta)  
Especialidade em pasteis de Belem  
e doces de Cascaes

LISBOA Telephone C. 2867



## OS FUNERAES DE TEOFILO BRAGA



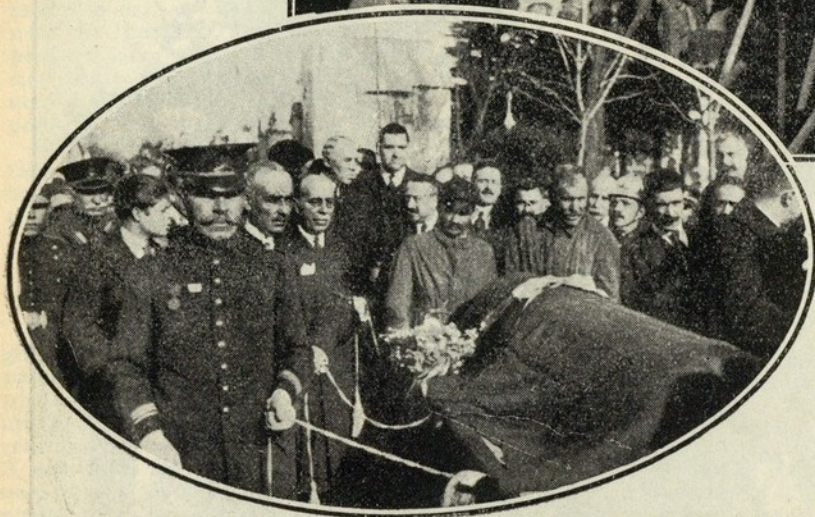
A urna mortuaria no vestibulo da antiga Sala dos Reis, do Mosteiro dos Jeronimos, onde ficou depositada

(Cliché Salgado.)



# Comemoração do 31 de Janeiro, no Porto

*Um aspecto do cortejo cívico, comemorativo do movimento revolucionário de ha 33 anos, em homenagem a os vencidos do movimento, no Prado do Repouso*



*A carreta dos Bombeiros Municipaes do Porto conduzindo os restos mortaes do major Abilio de Jesus Meireles, o «sargento Abilio» do 31 de Janeiro de 1891, cujo funeral se realizou em egual data do ano corrente. Atraz do feretro seguem os srs. Barreto da Cruz, representando o Chefe do Estado e governador civil do districto*

## União da Mocidade Republicana

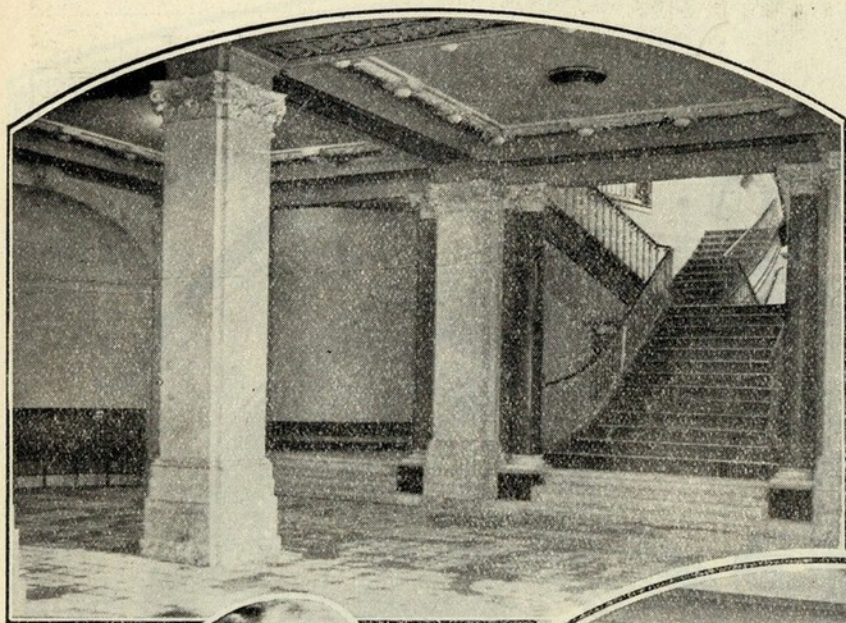


*O sr. dr. Magalhães Lima tendo, á esquerda, o sr. dr. Azevedo Silva por ocasião da sessão de propaganda promovida pela União da Mocidade Republicana realisada, no dia 3 do corrente, no Teatro Nacional, sob a presidencia dos dois velhos e illustres democratas. A' direita do sr. dr. Magalhães Lima, vê-se o academico sr. Fernando Mayer Garção, presidente da União*

*(Cliché Salgado.)*

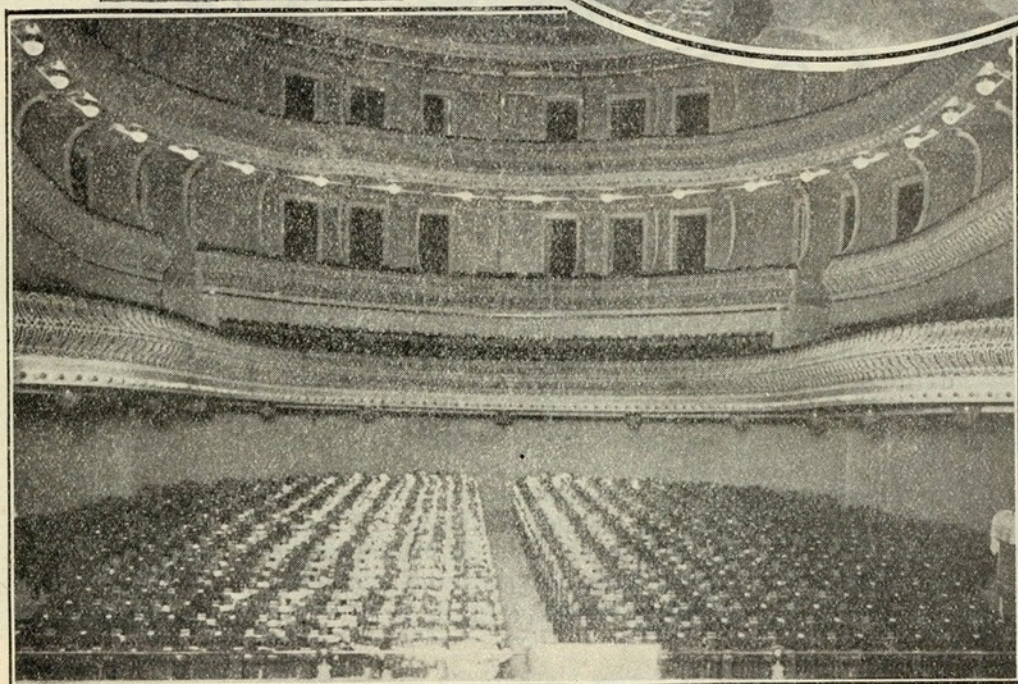
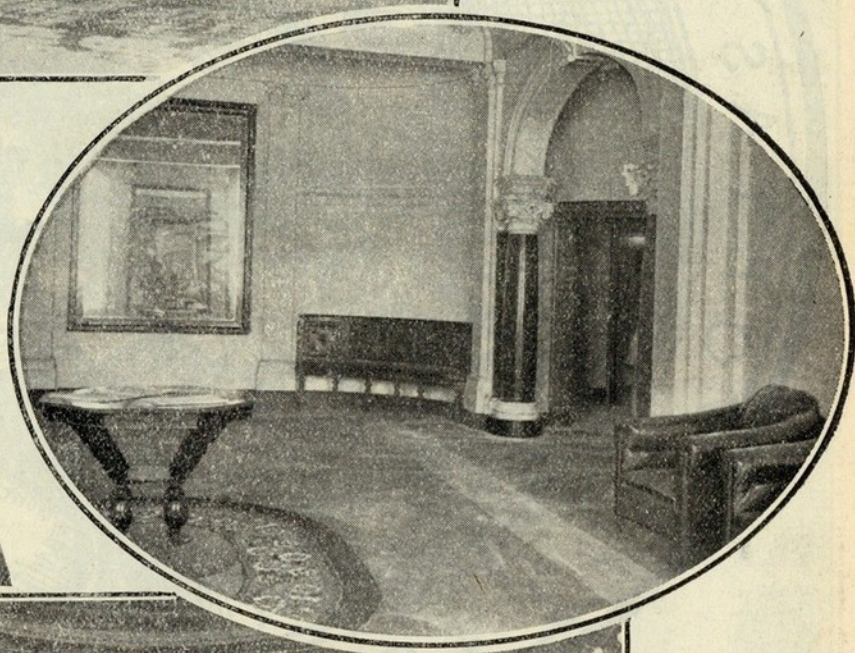


# O TEATRO DA TRINDADE



COM a ante-primeira representação da peça de Eduardo Schwalbach *Fogo Sagrado*, dedicada à imprensa, aos artistas teatraes e aos amigos da empresa, realizou-se, no dia 5 do corrente, a reabertura do Teat o da Trindade quasi por completo reconstruido pelo seu proprietario e empresario o nosso amigo José Loureiro.

Sofreu, o edificio, não só importantes modificações no seu antigo traçado, como embelezamentos que o tornam um dos mais elegantes teatros de Lisboa, conforme poderá avallar-se pelos *clichés* que inserimos, juntamente com o retrato de José Loureiro a quem noutro lugar nos referimos com o justificado elogio que merece a sua arrojada iniciativa.



Θ atrio  
do  
teatro

—  
O empresario  
José Loureiro

—  
O foyer  
da  
1.<sup>a</sup> ordem

—  
A sala  
de  
espectaculos

( *Clichés*  
Salgado. )



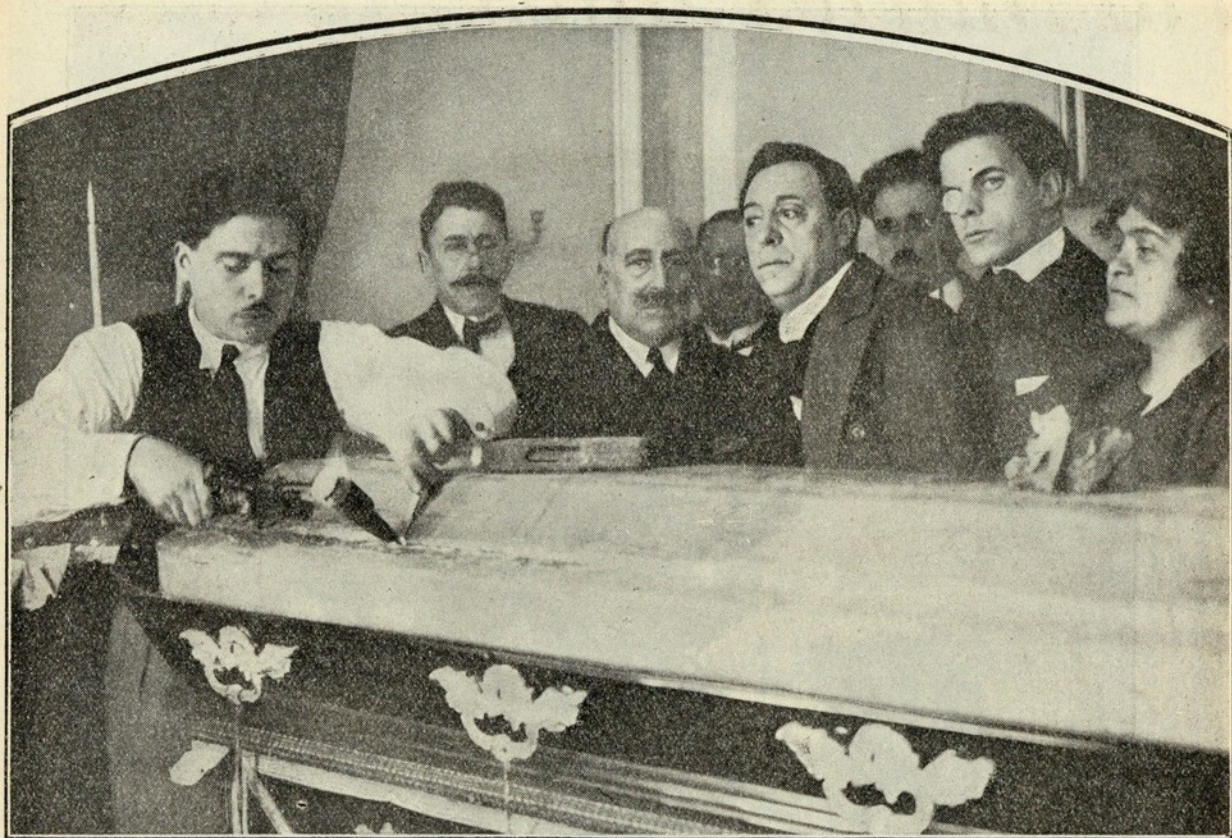
# Ha Muitos Anos...



FEZ 403 anos, no dia 5 do corrente, que nasceu Luiz de Camões, conforme as averiguações a que procedeu Teófilo Braga, e que serviram de base á deliberação, tomada pelo Parlamento, de considerar essa data feriado nacional. Comemorando o facto, inserimos o retrato do grande vate, considerado o mais antigo entre quantos dele são conhecidos. Figura no frontespício do exemplar manuscrito dos *Comentarios aos Lusíadas* (1639) de Manuel de Faria e Sousa, existente na antiga Biblioteca Real da Ajuda, tendo sido desenhado á pena pelo proprio autor dos referidos *Comentarios*



# OS FUNERAES DE TEOFILO BRAGA

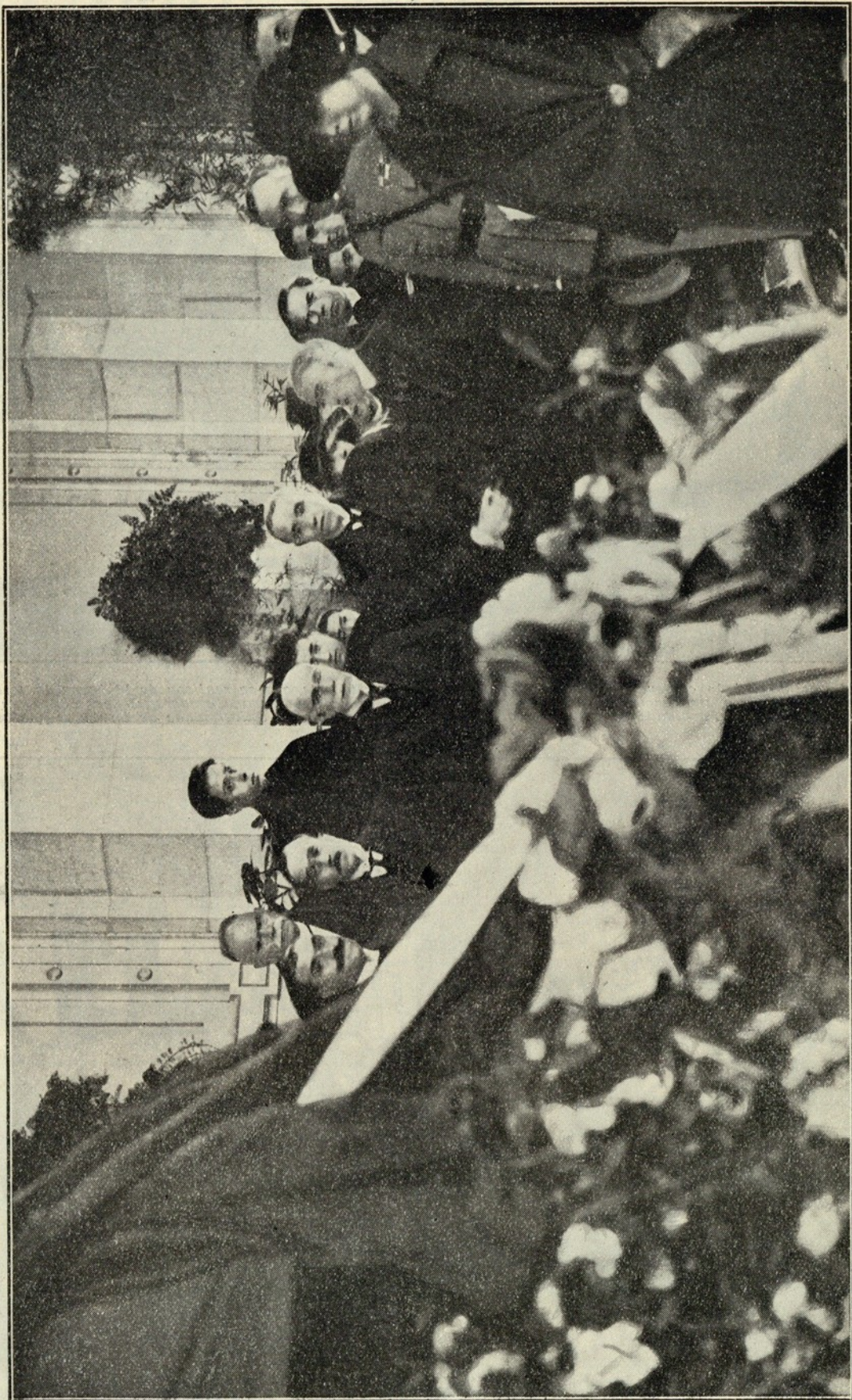


*A soldagem do caixão contendo os restos mortaes do Mestre, acto este que se realisou ás 13 horas da tarde de 29 do mez findo, com a assistencia, entre outras pessoas, os srs. (da direita para a esquerda): Levi Bensabat; Queiroz Veloso, director da Faculdade de Letras; Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa, e Alexandre Ferreira, vereador municipal*

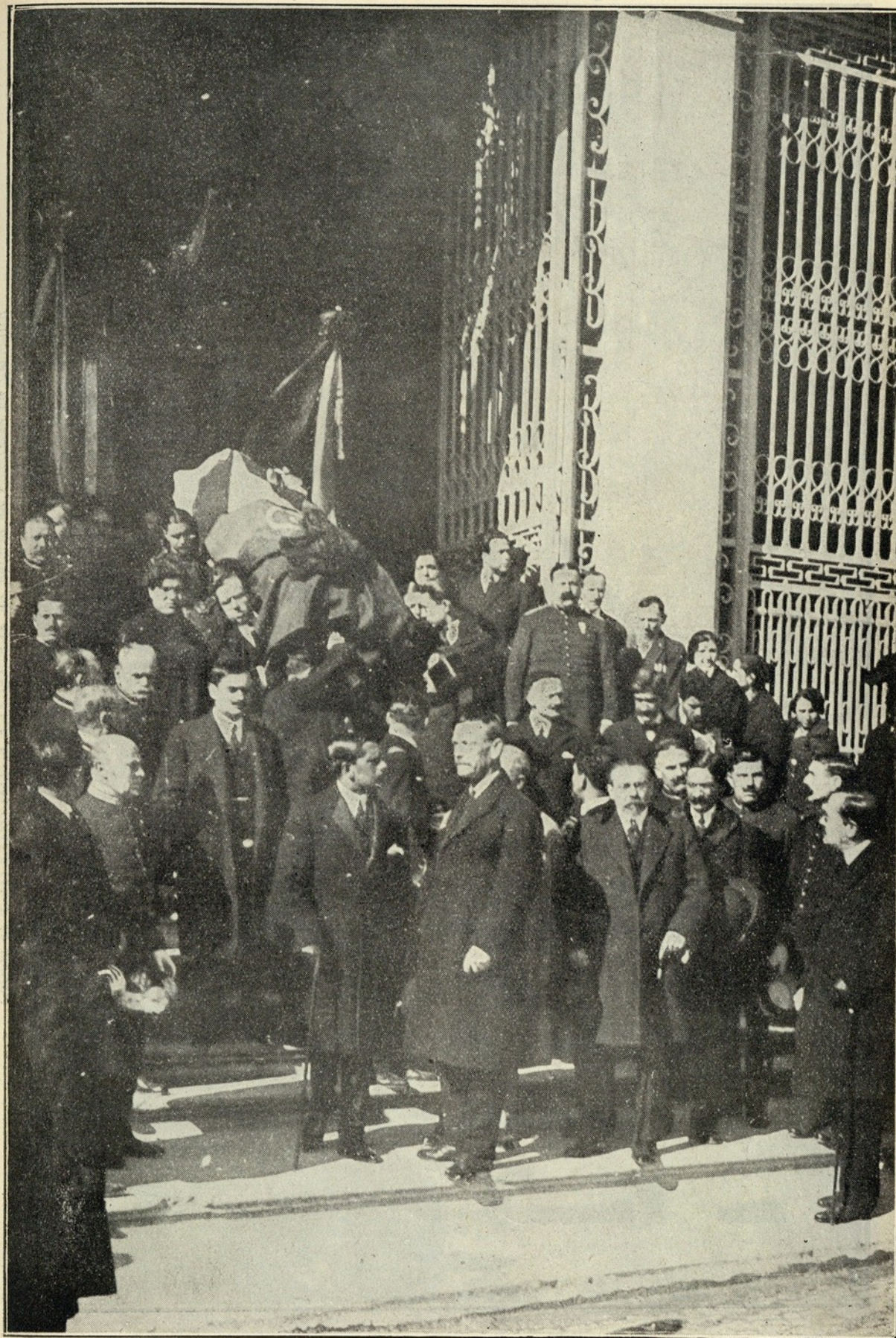


*Saida da urna funeraria da residencia do finado para o edificio do Congresso da Republica, conduzida pelos estudantes da Faculdade de Letras, alunos do falecido*





O turno junto da urna mortuária, já exposta no atrio do Congresso, constituído pelos srs. Presidente da Republica e membros do governo



O feretro, novamente transportado por estudantes, saindo do Palacio do Parlamento para o armão que o conduziu aos Jeronimos





*Partida do arno transportado a uma funeraria do palacio do Congresso da Republica*

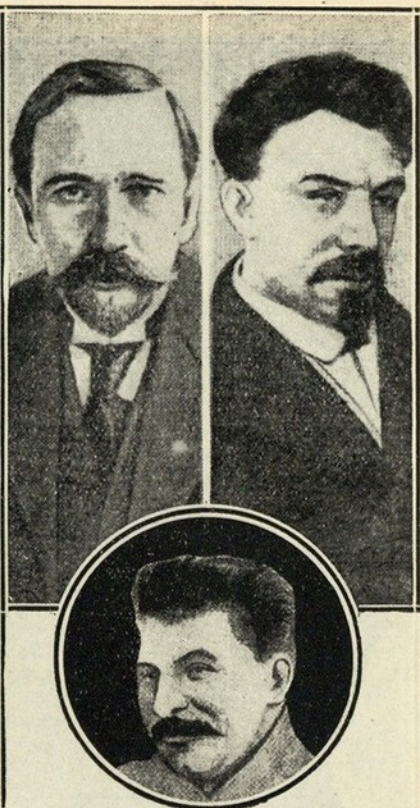
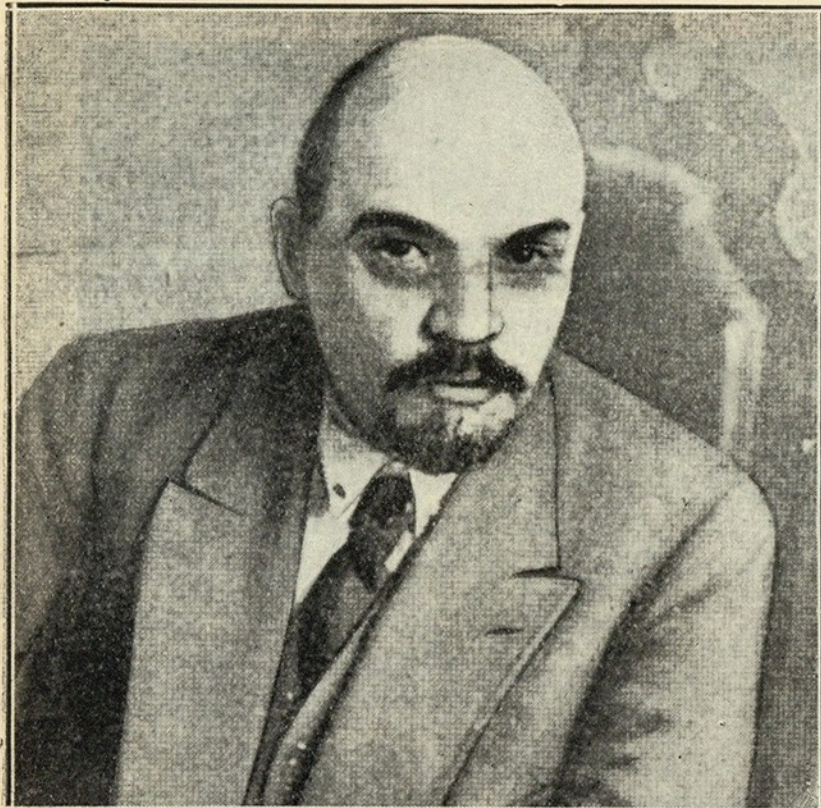


*Chegada do prestito funebre ao Mosteiro dos Jeronimos*

*(Othés Salgado.)*



# LENINE E OS SEUS SUCESSORES



*Wladumiro Uianof, Lenine, chefe do Estado Comunista da Russia, falecido perto de Moscou no dia 21 do mez findo*

*Kameneff, Rikoff e Staline, presuntos sucessores de Lenine, tendo sido já eleito, o 2.º, presidente do Conselho dos Commissarios Russos e, o 1.º, vice-presidente*

## CADEIRA DE ESTUDOS BRASILEIROS DA FACULDADE DE LETRAS

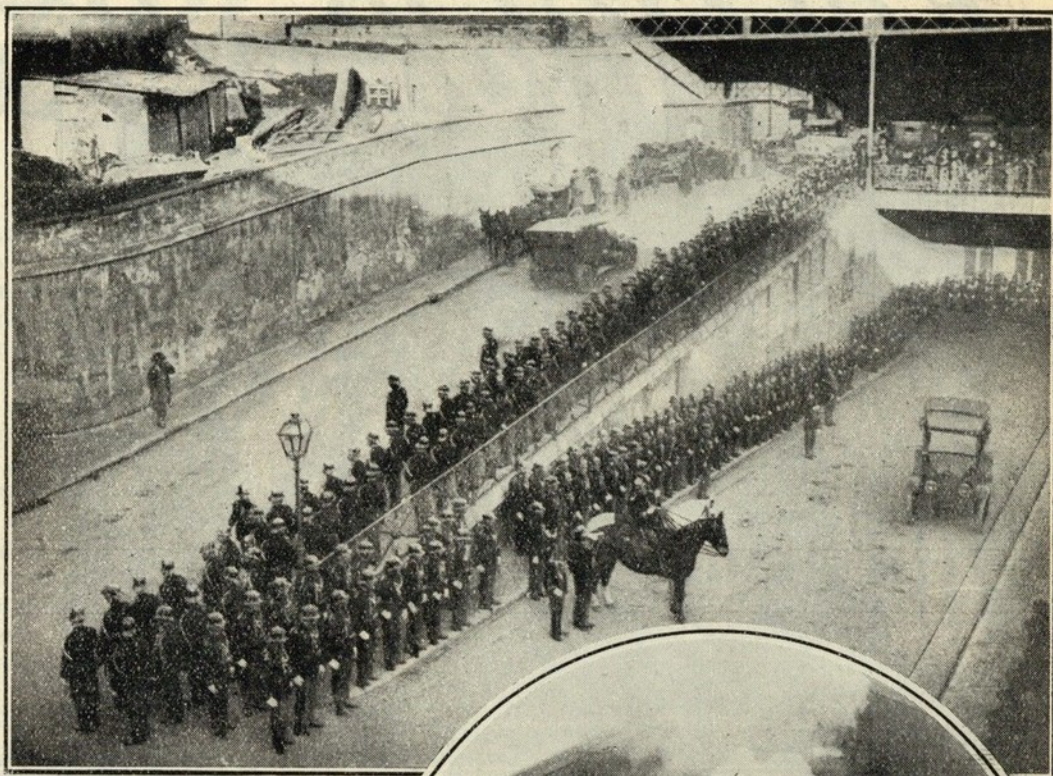


*Sob a presidencia do sr. dr. Queiroz Veloso, secretariado pelo sr. Embaixador do Brasil, realisou-se, no dia 2 do corrente, a sessão solemne da investidura na regencia da cadeira de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, do critico de arte e illustre homem de letras brasileiro sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, acto a que assistiram grande numero de professores, escritores, etc. No 1.º plano da nossa gravura vêem-se, sentados da esquerda para a direita, os srs.: Santos Tavares; dr. Cardoso de Oliveira, Embaixador do Brasil; dr. Queiroz Veloso, director da Faculdade de Letras da Universidade; Manuel de Sousa Pinto e João de Oliveira Ramos (Cliché Saigado.)*

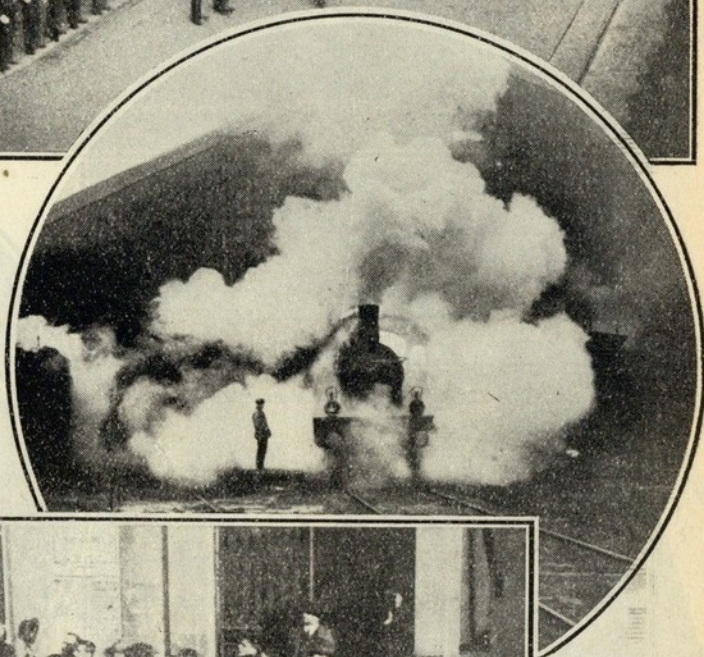


# Viagem, ao Porto, do Chefe do Estado

A Guarda Nacional Republicana formando a guarda de honra junto da estação da Avenida, no momento da passagem do automovel conduzindo o sr. Presidente da Republica á mencionada estação, onde embarcou, no dia 4 do corrente, para o Porto



O comboio presidencial no momento da entrada no tunel do Rocio



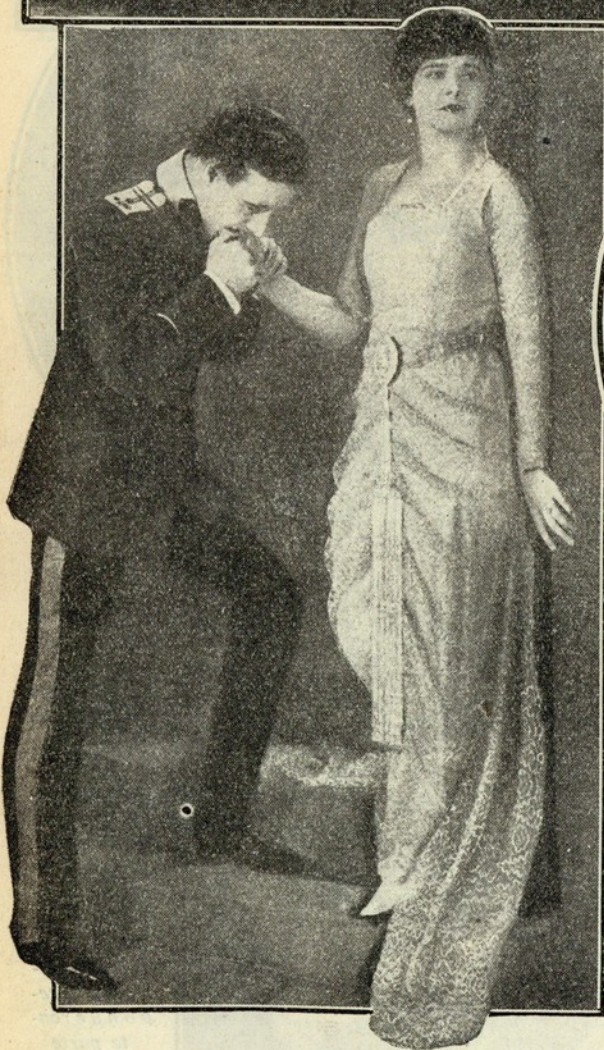
O sr. Teixeira Gomes, a caminho dos Paços do Concelho do Porto, logo após sua chegada ao Porto, alvo de enusiasmada manifestação, em que os academicos tomaram preponderante parte



# "Fotoplas" "Ates," do Cinema



A nova película de Charlot, *Opinião pública*, obteve grande êxito nos ecrans americanos e ingleses e está sendo aguardada com curiosidade em Paris, onde a United Artists a fará exhibir dentro de alguns dias. O enredo e a *mise-en-scène* do



filme é de Charlie Chaplin, que tem nele mais uma das suas inigualáveis criações.

—Igual sucesso obtiveram as duas novas películas americanas. *Salomé*, desempenhada pela grande actriz Nazimova, e *Ros ta*, a cantora das ruas, em que Mary Pickford, mais uma vez soube evidenciar as suas belas qualidades de artista.

Tres scenas da película *O romance dum rei*, extraída da celebre obra de Antony Hope e interpretada pelos artistas Alice Terry e Lewis Stone

# "Ates," do Cinema

— A critica acaba de elogiar nos jornaes parisienses o film francez *L'emprise*, posto em scena por Henri Diamant Berger, salientando o nome de Marguerite Moreno, que, encarregada do desempenho do principal papel feminino, se houve com grande acerto e extraordinaria perfeição.

*L'emprise* muda de caracter á medida que o espectador a presencia: da comedia ligeira e fina, que se esboça no começo, atinge o drama psicológico. E' o estudo dum cerebro feminino, tão fragil quanto forte, na sua evolução do amor ao odio, apenas motivada pelo raciocinio.

Na interpretação tomaram parte Pierre de Guingand, Henri Rollan, Marguerite Moreno e Pierrett Madd.

Raquel Devirys, estrela de grande brilho, que o nosso publico teve occasião de apreciar na película *Vidocq*



Marcelle Pradot no papel de D. Ana, do «film» D. Juan e Fausto, de Marcel L'Herbrés

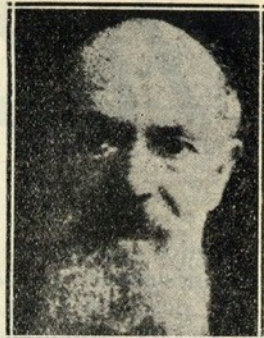


# EX-PRESIDENTE WILSON

FERNANDES CALDAS

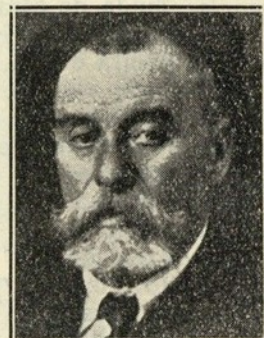


Falecido em Washington no dia 3 do corrente



Notavel escultor portuguez falecido em S. Paulo (Brazil) no dia 7 do mez findo

TEOFILO BERNARDES



Facultat'vo municipal em S. João da Pesqueira, recentemente falecido naquela vila

ANTONIO FONSECA



Zeloso empregado da administração de O Seculo, falecido no dia 26 do mez findo

ALFREDO T. DA SILVA



Guarda-livros, sobrinho do nosso correspondente em Ois da Ribeira, sr. Joaquim Tavares da Silva, falecido naquela localidade no dia 24 de janeiro findo



# O Porto de Lisboa

DE todos os pontos do velho Continente é Lisboa o que, pelas suas excepcionais condições, oferece hoje maiores vantagens ao commercio internacional.

Enorme, vastissimo, podendo abrigar no seu seio os maiores navios do mundo inteiro, o mais proximo da velha e nova America, o porto de Lisboa vae-se aperfeiçoando dia a dia, apetrechando-se cada vez melhor, afim de desempenhar cabalmente o papel que lhe cabe, importantissimo por sinal, no resurgimento do Paiz.

A exploração do porto de Lisboa passou para o Estado por carta de lei de 11 de março de 1907, directamente das mãos do empreiteiro Hersent. Constituiu-se nessa altura um Conselho de Administração, organização esta que não deu o resultado que se esperava.

Assim, por decreto de 22 de dezembro de 1920, foi criada a Administração Geral do Porto de Lisboa que veio substituir aquela organização, dispondo de uma autonomia que bastante tem favorecido o desenvolvimento do porto.

Até quinze de setembro ultimo os serviços de trafego eram feitos por conta do Estado. Por deliberação do Conselho de Administração e em face de multiplas reclamações pas-

saram a ser feitos no regimen de caes livre, isto é, pelos agentes de navegação ou consignatarios de mercadorias, regimen este, aliás, adoptado em todos os portos do mundo.

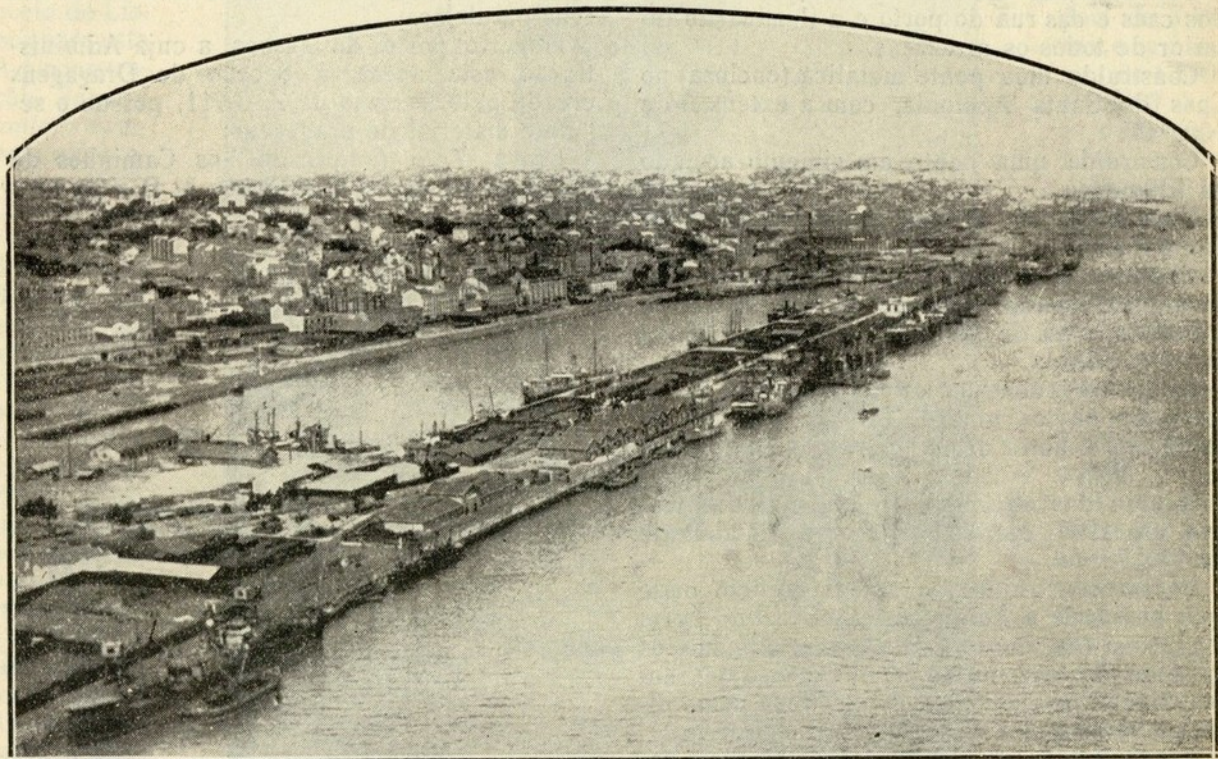
Levantou esta medida, a principio, injustificados clamores até que por fim, se normalisaram estes serviços.

Esta deliberação foi acertadissima, e a experiencia assim o tem sobejamente demonstrado. O prejuizo que a Administração sofria com o antigo regimen podia computar-se, sem exagero, em 1.500 contos anuaes e os serviços resentiam-se do facto de serem feitos por trabalhadores de conta do Estado.

Do progresso e desenvolvimento do porto de Lisboa são documentos elucidativos as estatisticas publicadas pela sua administração. Muita gente ignora o serviço que o porto de Lisboa presta e o papel que desempenha na economia nacional.

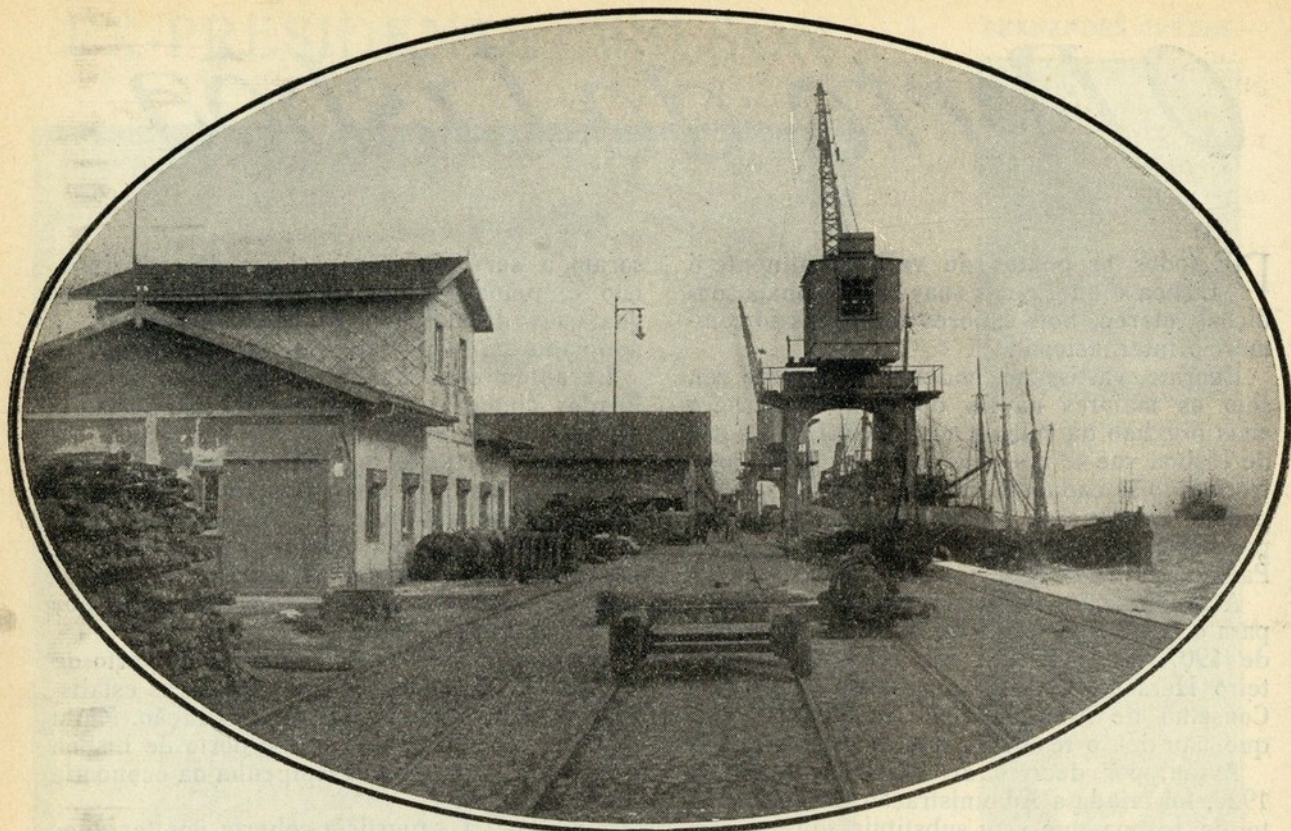
Em 1907 a superficie coberta nos terrenos do Porto de Lisboa era de 18.166<sup>m</sup><sup>2</sup> e em dezembro de 1923 de 96.656, isto é, mais 78.490, <sup>m</sup><sup>2</sup>. As vias ferreas em 1907 representavam 10690 metros e em 1923 17.858.

Os caes acostaveis, em 1907, compreendendo varias profundidades, representavam 4520<sup>m</sup>, 68 e em dezembro ultimo 6584,68. Neste impor-



Doca grande e caes de acostagem. — (Cliché de Serra Ribeiro tirado de avião.)





Os armazens e caes de Santa Apolonia

tant'issimo serviço ganharam-se n'este lapso de tempo 2334 metros de caes.

Em 1907 foram os seguintes os melhoramentos introduzidos no porto de Lisboa:

Foi montada toda a iluminação electrica dos caes e das rua do porto e a iluminação interior de todos os armazens.

Construida uma ponte metalica (enclusa) no Caes de Santa Apolonia, com a extensão de 100, m<sup>1</sup>00.

Construida uma ponte em cimento armado na Alfandega.

Uma outra do mesmo sistema na Doca de Santo Amaro.

Estão-se construindo tres docas pequenas de reparação, sendo uma de 65 m<sup>00</sup>, outra de 45 m<sup>00</sup> e outra de 42 m<sup>00</sup>, estando esta ultima quasi concluida.

Estão em construção duas carreiras de fabrico de navios, uma de 120 m para navios de 8.000 ton. e outra de 90 m para navios de 4.000 ton.

A area das oficinas de reparação de navios que em 1907 era de 1642, m<sup>2</sup>00 é actualmente de 11457, m<sup>2</sup>00.

Foram construidos: o actual edificio onde está instalada a Administração Geral do Porto de Lisboa (Escritorio Central) e igualmente os edificios dos escritorios do Entrepasto de Santos, Santa Apolonia e Colonial, bem como diversos escritorios dos agentes de cais.

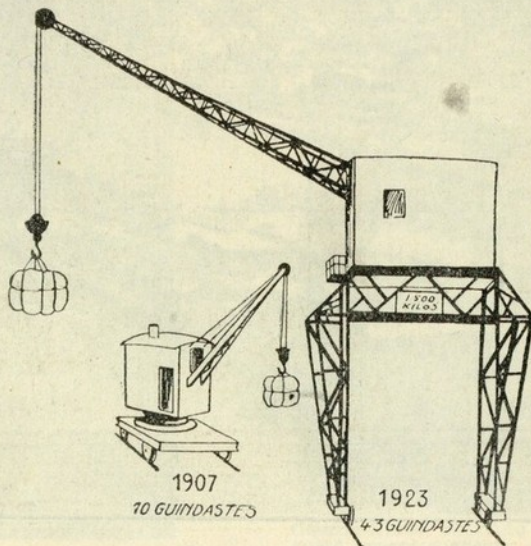
A canalisação de abastecimento d'agua a navios que em 1907 era bastante deficiente foi

sucessivamente sendo melhorada e augmentada.

Em 1907 apenas existiam calçadas no caes. Hoje existem calçadas não só em todos os caes como nas ruas d'acesso a estes e nas ruas paralelas.

Hoje, o porto de Lisboa, a cuja Administração está anexa a Seccção de Dragagens creada pelo Decreto de 22-3-911, possui o seguinte material de dragagem:

Draga Tejo (adquirida aos Caminhos de Ferro do Estado c/ os batelões A, B e C).



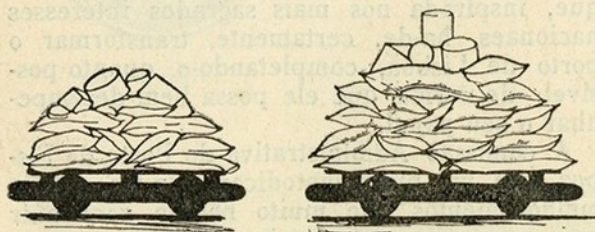


Draga *Guadlana* (pertencente á S. Dragagens.

Draga *Mondego* (de sucção e pertencente á mesma Secção).

Batelões n.ºs 5, 6, 7, 8 e 9 (de 170, m<sup>3</sup>00 de capacidade cada).

Fragata de sondagens c/ a respectiva aparelhagem e os rebocadores: *Buarcos*, *Figueira da Foz* e *Setubal*.



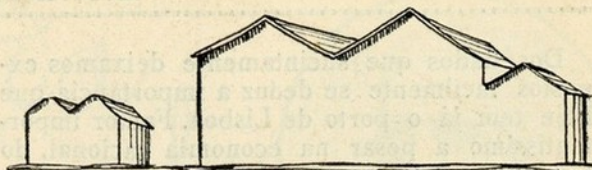
1913  
TL. 193.635.556

1922  
TL. 248.691.390

*Mercadorias importadas em Lisboa*

Todos estes barcos pertencem á Secção de Dragagens.

Para os serviços marítimos, propriamente ditos, possui esta Administração os rebocadores *C. da Roca*, *ca*, (adquirido depois de 1907), *Josefina* (existente na ocasião da passagem do porto de Lisboa para esta Administração, *Sempre andar* também existente em 1907, *Cisne* (adquirido depois de 1907) *Barca d'Água Luíza* (existente em 1907), *Cabrea* de 45 toneladas existente em 1907). Possui ainda o porto de Lisboa varias embarcações que estão também ao serviço da 1.ª Repartição, entre os quaes mais al-



1907  
18.766, m<sup>2</sup>

1923  
78.490, m<sup>2</sup>

*Superfície coberta*

gumas de abastecimento d'água a navios, e do serviço do correio.

Para se fazer uma ideia do movimento do porto de Lisboa bastará dizer que no ano findo entraram 3706 barcos, representando 8.605.511 toneladas e saíram 3613, representando 8.609.777 toneladas.

No mesmo ano, e pelos diversos entrepostos, entraram 248.391.390 toneladas de mercadorias e saíram 260.178.460.

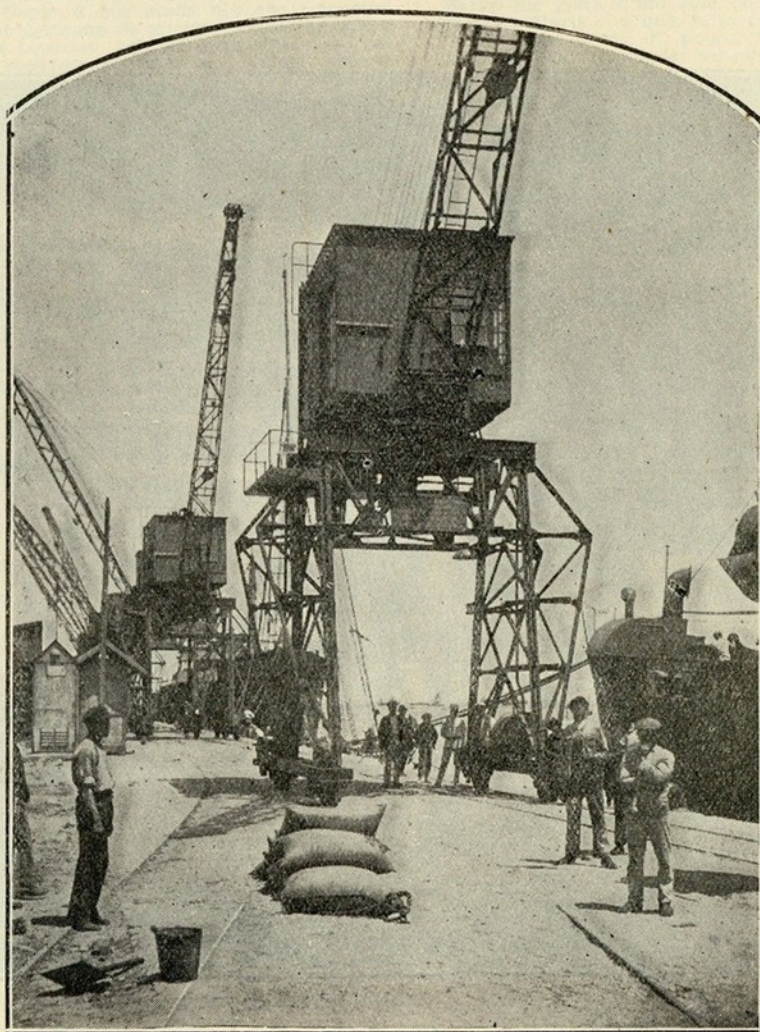
Para carga e descarga destas mercadorias empregam-se hoje 47 guindastes, espalhados por varios entrepostos, contra dez que existiam em 1907, no tempo da concessão Hersent.

Em virtude, porém, do movimento do tra-

fego estar aumentando está-se tratando já de aquisições, por conta das reparações alemãs, de mais de 13 guindastes electricos, dois de 5[10 toneladas, tres de 1.500 e 3.000 kg. e oito de 1.500.

Tambem a descarga de carvão requer a aquisição de mais guindastes, pelo menos quatro, electricos, de 3.000 kg. cada um.

A Administração do Porto está também tratando do assunto, pensando em requisitá-los por conta das indempnizações alemãs.



*Um grupo de potentes guindastes electricos do porto de Lisboa*



Dos dados que sucintamente deixamos expostos facilmente se deduz a importancia que hoje tem já o porto de Lisboa. Factor importantissimo a pesar na economia nacional, do seu progresso e desenvolvimento depende muito a situação economica de Portugal.

São animadoras as cifras que hoje tornamos publicas.

Por elas se vê que o constante e persistente esforço no desenvolvimento das variadas instalações do porto corresponde a um importantissimo aumento no trafego, e como a actual Comissão Administrativa não dorme sobre os louros já colhidos, antes procura incessantemente melhorar as condições da exploração, é de prever que ao Porto de Lisboa está reservado um brilhante futuro, contribuindo assim, poderosamente, para o resurgimento nacional.

O porto de Lisboa é um dos melhores da Europa, centro importantissimo do trafego internacional, invejado por quantos lhe disputam a primazia.

Apetrechal-o convenientemente é dar-lhe elementos para uma victoria certa sobre os seus concorrentes.

De justiça é acentuar que a actual comissão Administrativa, á frente da qual se encontra o dr. Jacintho Simões, não se poupa a esforços de toda a natureza para que o porto de Lisboa corresponda inteiramente ao que dele se exige.

Entregue em boas mãos está, pois, este serviço, dos mais importantes do Paiz.

Muito ha a esperar da actual Administração que, inspirada nos mais sagrados interesses nacionaes, ha-de, certamente, transformar o porto de Lisboa, completando-o quanto possivel, de forma que ele possa bem desempenhar o seu papel.

A comissão Administrativa do Porto de Lisboa tem um plano metodicamente traçado de melhoramentos que muito hão-de contribuir para que o nosso primeiro porto se encontre habilitado a satisfazer as exigencias do continuo aumento de trafego que as estatisticas registam.

A sua autonomia, livre de peias burocraticas que tanto prejudicam os trabalhos d'esta natureza, ha-de permitir-lhe completar a obra a que meteu hombros e que é das que marcam, das que ficam.



O interior de um dos armazens do Porto de Lisboa





Silva Tavares

# "A Lenda do Templo"



Filipe Duarte

O caso teatral da semana foi a reabertura da Trindade, modificada, alindada, outra vez nova e conservando, da sua primeira fase, apenas o ar a um tempo conchegado e elegante que fez d'ela desde todos os tempos, a casa de espectaculos de particular simpatia do publico.

Theatro de antigas e gloriosas tradições, achava-se condenado a desaparecer, se não fora a arrojada interferencia de José Loureiro. Embora temporario, esse desaparecimento chegou mesmo a ser um facto, pelo que, em rigor, diremos tratar-se mais que d'uma reabertura—d'uma verdadeira ressurreição.

Por isso e tambem pelas condições especiaes em que o Teatro da Trindade reabriu as suas portas—com companhia portuguzza, de que fazem parte alguns dos nossos primeiros artistas, e peça especialmente escrita por um dos nossos primeiros dramaturgos—se nos impunha dedicar-lhe esta cronica. Apenas, para mais tratando-se de cronica, a ordem... cronologia dos acontecimentos impõe-se-nos tambem. E, antes da Trindade nos dar o *Fogo Sagrado*, dera-nos o São Luiz, a *Lenda do Templo*, a que ainda nos não referimos.

Portanto, sem que deixemos de afirmar, desde já, todo o nosso aplauso a José Loureiro, pela sua arrojada e até patriótica iniciativa, reservaremos para a proxima semana mais desenvolvido registo do facto sensacional a que, por agora, só de passagem aludimos aqui, e a que a *Ilustração* dedica, aliás, uma outra das suas paginas, onde o leitor encontrará varios aspectos fotograficos do Teatro, qual acaba de ser devolvido aos seus antigos frequentadores e franqueado aos novos.

\*

Tratando de *A Lenda do Templo* só quem saiba, como nós sabemos, o que representa em dispendio de energia, de trabalho e de dinheiro a montagem d'uma peça avaliará a relutancia com que o fazemos, nos termos que temos de o fazer para não faltarmos á verdade que devemos ao leitor e a nós proprios. Vale-nos, ainda assim, a consideração de que, á data da publicação d'esta nossa cronica, de maneira alguma ela poderá—admitindo que, em algumas circunstancias, o pudesse—influir no juizo do publico em relação á referida peça. Esse juizo estará formado, sendo, infelizmente, o caso de não admitir duvidas quanto á sua conformidade com o nosso.

Ora o nosso é de que fallham, por completo, ao libreto da opereta do sr. Silva Tavares condições de viabilidade. Em termos, mesmo, da respectiva partitura, com toda a sua beleza, não bastar para lhe insultar alento.

Frizou a imprensa, reclamando a peça, antes d'ela subir á scena, que, pela primeira vez, se fazia passar a acção d'uma opereta no Alentejo. Precisamente reside n'esta circumstancia uma das grandes fallhas de *A Lenda do Templo*. Ainda a nenhum autor atraira essa localisação e razões havia de sobejo para isso, sendo a principal a escassez de pitoresco quanto á indumentaria, que aquella provincia poderia facultar-lhe. Os trajos alentejanos, sobre deselegantes, são de uma sobriedade de colorido que roça pela tristeza. Tudo n'elles é escuro e, nas massas coraes, tal sobriedade tem o seu que de lugubre.

Sabemos que o norte está mais que explorado, no genero teatral em que se filla a *Lenda*. Mas temos de confessar que a inovação, não trazendo vantagens, antes pelo contrario, sob aquele ponto de vista, tão pouco proporciona novidade no que respeita á toada musical, que é sensivelmente a mesma, nem ao feito das personagens, que se mantem as mesmas. Lá temos o boticario, o barbeiro, o offical reformado, o capataz, etc. Quanto aos costumes, o rancho, o pendão da Virgem, o sol-e-dó...

D'aquí, pelo que olha ao meio social em que decorre a acção da peça tanto o autor como o espectador só tem a perder em que o sul fosse trocado pelo norte.

Quanto á sua efabulação peca, quanto a nós, aparte as condições ingenuas em que é condusida, ainda pela tristeza que a reveste. O autor, muito mais poeta, que homem de teatro, não só curaria literariamente muito mais o verso que a prosa, como se cingiu, em demasia, á poesia tragica da *lenda*

que pretendeu teatralizar. Isto é, esqueceu-se, em primeiro lugar, de que o publico das operetas entende, por elas, peças alegres e de que o actores do genero são actores comicos. E, assim, deslucou tudo: publico e artistas sentiram-se fora do seu ambiente costumado, o que quere dizer que uns e outros se sentiram mal.

Ainda uma outra falla, de tecnica: pondo, no verso, a explicação das passagens essenciaes da peça, fez com que esta ficasse mal comprehendida. E' preceito rudimentar em teatro musicado, por isso que o sentido da maior parte de que se diz por musica escapa ao espectador, reservar para ser dito n'esses termos o que já está dito n'outros ou aquilo que não se torna absolutamente indispensavel que se ouça.

Registadas estas considerações d'ordem geral, reportemos-nos, embora em rapida passagem, a cada um dos actos, de per si.

O que nos oferece o 1.º O desfile, insistente, do rancho dos azeloneiros e a interferencia do sol-e-dó. Quanto ao entrecho, pouco mais se fica sabendo que da existencia d'uma Maria que gosta d'um José (é ainda duvidoso que o José goste da Maria...) e que, se se casarem, o filho que tiverem chamar-se-ha Jesus. E' pouco. Mas, enfim, ao menos este acto tem uma qualidade: ser curto.

O 2.º, todo ele desligado, lembra antes uma *sauterie*. Perante um Templo de Diana que, apesar de atravancar todo o palco, não nos dá a menor impressão da grandiosidade que caberia ás famosas ruinas de Evora, desfilam um rancho de trabalhadores, e, depois, varias pessoas que veem cantar arias. Ha ainda um quarteto que não consegue ser comico, por mais que os actores o sejam e puxem por ele, e a *lenda*, cantada pelo tenor, que continua a ser uma aria, cujos côros o referido tenor tem de ir chamar lá fora e veem á scena pouco mais do que para o ouvir.

Sobre isto personagens que espritam outros por detraz das ruinas do Templo, sempre do mesmo lado, e um incendio tambem por traz do Templo e do referido lado...

O entrecho aqui precipita-se, mas todo elle fora de scena. Nem caberia n'ela, toda ocupada pelos repregos. O publico não vê e apresentar a peça; contam-lh'a. E, como lh'a contam sempre por musica e o sentido do que lhe dizem continua a perder-se, encontra-se inteiramente desprevideno para o tragico final, em que uma personagem está a pique de ser violentada e reduzida a torresmos, outra enceguece e ainda outra morre queimada. Uma tragedia!

No 3.º acto, a cega torna a ter vista e, um maluco simulado, a ter juizo. Sabese, afinal, que o José sempre gosta da Maria. Casam-se estes, casa a caracteristica com o major, e tudo acaba em bem, menos o que lá ficou morto no fogo por elle proprio ateadado em transe de bebedeira vingadora de uma intriga de namorados que não valia a bebedeira, quanto mais o incendio.

E disse. Comtudo na *lenda*, que constitue o fulcro da peça, haveria talvez assumto para uma opereta. O autor é que não o aproveitou, limitando-se a fornecer pretexto ao maestro, para uma linda partitura, repetimos, em que as reminiscencias de outras abundam, mas nem por isso deixa de ser uma preciosa pagina musical. Só a sinfonia do 2.º acto firmaria os creditos de Filipe Duarte, se os não tivesse, ele, de ha muito firmados.

Pelo que olha ao desempenho cada qual fez o que ponde, sendo ocioso exigir dos artistas o que a peça não tem. Na parte musical, tanto Auzenda, como Beatriz Batista, Fernando Pereira e Artur d'Almeida ouviram aplausos merecidos, de que compartiu o maestro.

Dos scenarios ha a destacar o interior alentejano do 3.º acto, com toda a côr local. No 2.º, o Templo, quanto a nós, só manteria a grandiosidade que lhe compete, pintado no pano do fundo, embora sacrificando-se, um pouco, a verdade topografica.

Ouvimos afirmar que os versos da peça são magnificos e queremos crer que assim seja, pela amostra do pequeno, mas interessante prologo. Do resto, repetimos, não ha maneira de fazer juizo, ficando na nossa: o verso está, para a opereta, como o mais belo panorama para uma casa sem janelas. Não se dá por ele...

ZOILLO.

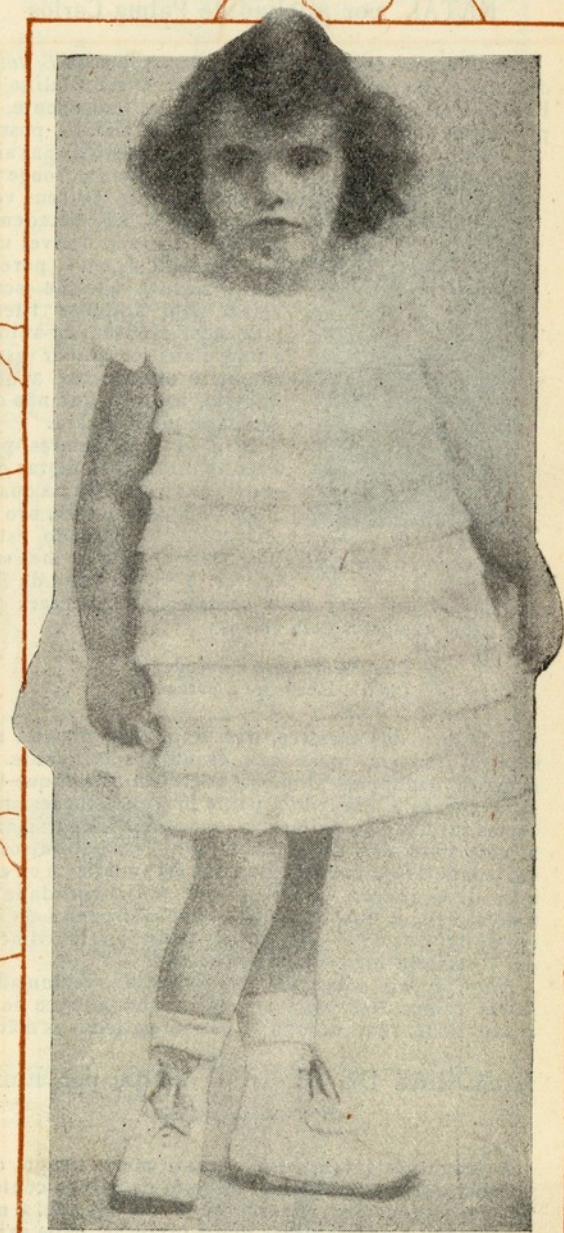


# Página Elegante

A despeito do calendario nos avisar de que caminhamos a passos largos para a primavera, a despeito mesmo deste belo sol que tudo doira, o frio exige-nos o uso continuado do casaco d'abafo bem guarnecido de peles e a moda, na sua insaciavel sêde de fantasia e variedade, impõe nos a obrigação de aligeirarmos o con-

junto desse genero de vestuario, de si mesmo pesado e sombrio, com a inclusão de mil e um bordados policromos e fantasistas.

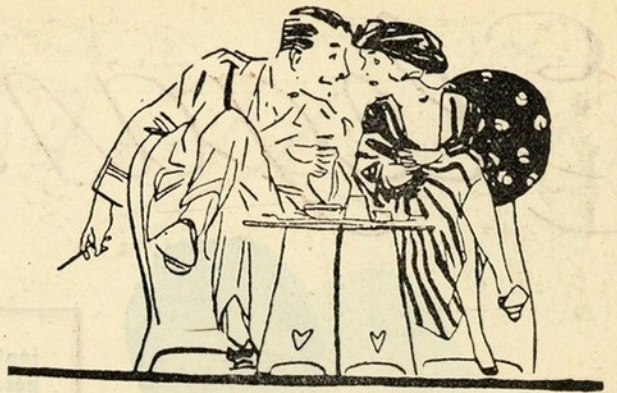
E o caso é que assim alindados, assim garridos, bem pode o frio entrar pela primavera, que a mulher sente-se bem dentro dos seus vistosos *man-teaux* tão propicios ao realce da sua figura gentil.







AQUI SE DIRA  
DOS LIVROS  
CUJOS AUTO-  
RES, ENVIAN-  
DO-OS A BI-  
BLIOTECA DA  
**ILUSTRAÇÃO  
PORTUGUESA,**  
MANIFESTEM  
O DESEJO DE  
SER FALADOS



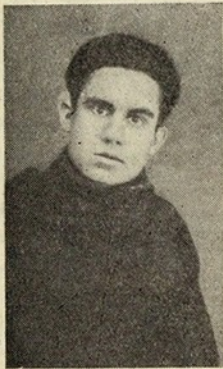
ONDE SE CONVERSARA' COM OS  
LEITORES A PROPOSITO DE TU-  
DO E O MAIS QUE OCORRER.

## NATAL, por Adelino de Palma Carlos

*Natal* acusa evidentes progressos sobre as *Brumas douradas*, do mesmo juvenil autor. O sr. Adelino da Palma Carlos é um poeta que tenta, tenazmente, os primeiros vãos. Tem qualidades apreciáveis, possui

temperamento lirico, mas ainda está, no entanto, longe de se personalisar. Os seus versos, por ora, não excedem a craveira comum, o nivel menos elevado. Como é, porém, muito novo e não lhe escasseiam nem aptidões literarias nem firmeza de animo, cumpre-nos continuar esperando a obra-prima a que, decerto, aspira e que não duvidamos que nos dará.

Leia os bons autores, prosiga no estudo das regras que impõe a arte poetica, as quaes, diga-se o que se disser, são indispensaveis. Quando esteja na posse delas e se lhes submeter, o sr. Adelino da Palma Carlos não fará mais contracções nem usará grafias como as destes dois versos:



Adelino da Palma Carlos

Cheir'á urze e a rosmanin'lo,  
Cheir'á incenso e a pureza...

A leitura dos mestres, que lhe recomendamos, não servirá, todavia, para que os imite servilmente. De maneira nenhuma! O moço poeta do *Natal*, que tem já a coragem, de todo o ponto louvavel, de resistir a certas influencias deleterias, quanto às idéas, amando as coisas simples, religiosas e puras, quando outros da sua idade preferem assuntos que escandalisam ou enojam, deve querer firmar a sua individualidade artistica, sem a qual a critica o não distinguirá da turba-multa de poetas que por ahi dedilham febrilmente em liras desafinadas e enfadonhas.

*Natal* é, em suma, um livro candido, perfumado a flores campestres, com seu grãosinho místico de incenso. Pode, sem escrupulo, pôr-se em todas as mãos...

## MEMORIAS DE EL-REI PAPÃO, por Emilia de Sousa Costa

A literatura infantil foi, durante muito tempo, descuidada entre nós. Excepção feita de alguns contos e novelas traduzidos do francez e do italiano, e mais destinados a adolescentes que a crianças, nada existia

*MORTESD*—O seu soneto *Enlevo*, possui frescura e no proprio Sonho, sendo menos bom, ha inspiração. Apenas a metrificacão é decurada, em ambos, sobretudo nos fechos, que é... o peor de esfotar.

Se não veja-se o do primeiro:

E' assim quem ama e é correspondido:  
Tudo p'ra ele é prazer d'encantar,  
Anda o prazer dentro d'ele metido...

Então o ultimo verso, que horror!  
O segundo:

Que lindo sonho n'alma architectado!  
Sonho vivido enquanto que dormia,  
Mas que eu ancelo sonhar... acordado.

Não, decididamente, nem um nem outro fecham... com chave d'ouro!...

*LEITORA CONSTANTE*—Realmente não se enganou, é uma senhora que dirige a secção O Lar e uma senhora que lhe agradece muito as suas gentis amabilidades e se felicita por a ter interessado.

Emquanto ao assunto de que o seu postal trata só tenho a pedir-lhe desculpa. Por um desvio da minha nota, esta só ponde aparecer na *Ilustração* de 26 de janeiro. *Enem-a o titulo* As gulodices e espero lhe tenha agradado.—D

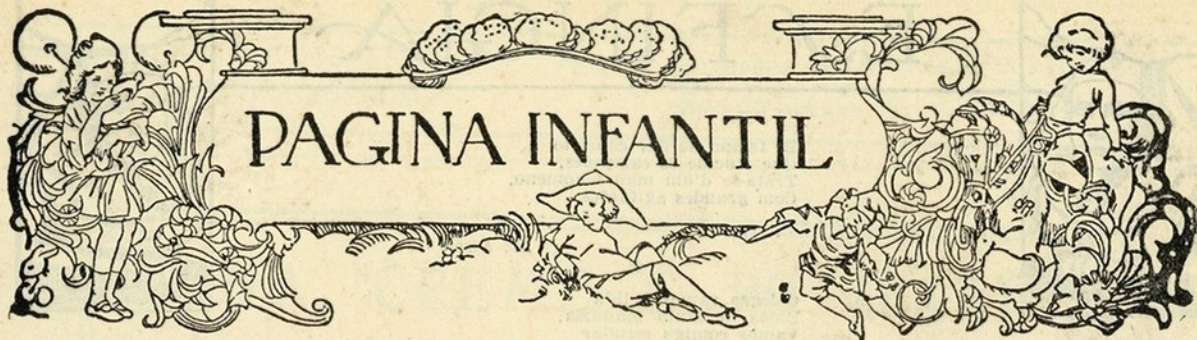
em Portugal a não ser a série de folhetos de cordel, a que tanto apreço liga a gente do povo, e nomeadamente a das serras e dos campos, que vive tambem numa perpetua infancia. D. Ana de Castro Osorio, ha anos, meteu ombros ao util empreendimento de facilitar á numerosa população dos pequeninos, que comecam lendo por cima, a delicia dos contos de fadas com illustrações. Nos ultimos tempos, surgiram novas penas femininas que se entregaram á doce e abençoada tarefa de escrever com destino ao publico infantil e uma das mais fecundas e brilhantes é a da sr.<sup>a</sup> D. Emilia de Sousa Costa, em cuja bibliografia se incluem já muitos volumes consagrados á mulher e á criança. Obteve aprovação para premios escolares o seu livro *Primeiras lições*, constituído por contos, e são igualmente recomendaveis as suas *Historias maravilhosas* e as *Memorias de Lili*, bem como a série interessantissima em que figura Polichinelo.

As *Memorias de El-Rei Papão* nada ficam a dever aos precedentes trabalhos. A sr.<sup>a</sup> D. Emilia de Sousa Costa, que reúne á fecundidade da imaginação uma rara clareza de estilo, propõe-se com os seus lindos contos não só recrear o espirito dos pequeninos leitores, mas tambem contribuir para que eles formem o caracter segundo os preceitos da moral. Cada um dos episodios por ela architectados tem, pois, um objectivo duplo: encantar e ensinar.

As *Memorias de El-Rei Papão*, que a empresa «Lumen» editou com o seu costumado esmero, foram profusamente illustradas pelo magnifico lapis de Francisco Valença e não exageraremos prevendo-lhe um extraordinario exito.

A. de A.





# O CASTIGO DO MANDRIÃO





# ESFINGIA



E' tempo de dar conceito  
Que elucide os campeões,  
Trata-se d'um mau fenomeno,  
Com grandes agitações.

Porto

Dr. Essejé

\*

Colegas vamos á vida  
Basta de tanta mandria,  
Vamos comigo estudar  
Um pouco mineralogia.

Vamos vêr se procurando,  
Com paciencia e de vagar,  
Este belo mineral  
Somos capazes de achar.

Tem nove letras somente  
Silabas cinco não mais.  
Quatro letra consoantes  
Sendo as restantes vogaes.

Se á terceira, é a quarta.  
Segunda, e prima, juntar  
Se prézar bem o avelo  
D'ela terá que usár.

De todas postas a oito,  
A quarta e quinta tirar,  
Nome proprio com certeza  
Procurando há-de encontrar.

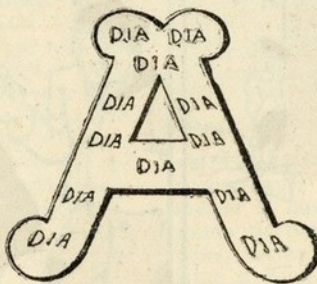
Juntando quinta com sexta,  
Com terceira, e mais final,  
E' quanto lhes é preciso  
Para achar o mineral.

E d'aqui já não avanco,  
Para não fazer questão,  
Vamos colegas depressa  
Venha essa decifração.

Rinholas.

\*

## ENIGMA PITORESCO



--UMA MILHA MARITIMA--

Por isso, *Qual, de Sphingia Club*

\*

## QUADRO DE HONRA

Florentino Vaz—Violeta—Dr. Essejé—Sant'Ana—Do 16—Sorab—Ponto & Virgula—S. Paio—Dama Oculta—A. Fernandes—Castor & Polux—Pinta scenas—126 da 4.—Dr. Pirilau—Pam—Valerio Rey—Tia Aldina—Arieff—Dó sustenido—Capitão Silva—Um Portuense—Lucia Lima—Luz do Mar—Serrot—Campos Ferreira—N. N.—Um aspirante—Valverde Junior—Canistrano—Galéas e Amarello—Marte.

Campeões decifradores  
do penultimo numero

## Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

**Enigmas:** Quina—Feldina—Aveiro.  
**Charada em verso:** Tamoeiro.  
**Enigma pitoresco:** Guarda prado, creanças gado.  
**Charadas em frase:** Trovador—Lagosta—Falatorio.  
**Logogrifo:** Inesplicavel sugestão.

\*

## ENIGMAS

Seis letras tem o meu todo,  
Tendo só duas iguais;  
Metade são consoantes,  
Outra metade vogais.

Minha segunda é segunda,  
A minha quarta é terceira,  
A sexta pode ser quarta,  
Mas que grande «pagodeira»...

Tambem poderá ser quinta,  
A segunda que é segunda,  
Terceira, tambem é quinta,  
Mas que grande barafunda...

Quinta, quarta, mais terceira.  
Com segunda a terminar,  
Uma terra portugueza,  
Que no Minho vais achar.

Prima, segunda mais quarta,  
Mais ainda á derradeira,  
E' sinónimo de modo,  
Que encontrarás sem cancela.

Quinta e sexta com primeira,  
Mais segunda a concluir,  
E' fama que eu gostaria,  
D'um dia vir a fruir.

No conceito, é que eu gostava,  
De ser feliz—meu leitor—  
Qual o mortal que não gosta  
De ser feliz no Amor!?

Plutão (do Sphingis Club).

\*

(A «Do 16», com muitos agradectmentos)

Tem meu todo, sete letras,  
Sete letras, nada mais,  
Sendo tres as consoantes,  
As outras quatro, vogaes.

A prima, segunda e tercia,  
Mais a quarta e derradeira,  
Eis ahí um animal,  
Crelam, não é brincadeira.

Primeira com quarta e quinta,  
E mais sexta a terminar,  
Dão-nos um novo animal,  
Isto tambem sem brincar.

A primeira com a setima,  
Seguidas da dita quinta,  
Com mais quarta p'ra findar,  
Animal. São quasi trinta...

A segunda com terceira,  
E mais a quinta com setima,  
Outro animal. Mas agora?...  
Não tenho rima p'ra etima...

A terceira com a sexta,  
Mais a prima com a quarta,  
Dão fome devoradora,  
D'essa que nunca se farta.

## CHARADAS EM FRASE

Na musica, transporta e desculpa—4  
—2.

Maria José.

\*

Na igreja da Graça há uma famosa  
dobradiça—2-1.

Porto

Anjo.

\*

Pobre animal! Tiram-lhe a pele e tu-  
do sofre em socego—2-1.

Porto

Antone Jaqum.

\*

## LOGOGRIFO

(Sobre o mesmo soneto de Mario Mené-  
res, do logogrifo publicado no n.º  
931 (Natal de 1923) da autoria do «Dr.  
Essejé»)

As pedras mudas hão de então falar—7  
—2—3—8—5.  
Hão-de dizer ás gerações futuras,  
Como eu vivi dormindo em pedras du-  
ras,  
Por não ter leito, por não ter um lar.

As pedras tambem sabem o que é amar;  
Na terra fria a gente tem ternuras:—  
—8—3—4—5—4—7—1—0—8.  
E' um noivado isento de amarguras.  
A pedra não nos pode atraiçar,—3—5  
—8—6—5.

Então todo o mundo terá de ouvir—1—  
2—3—4—6—5—10.  
Como as ermas pedras dos caminhos  
Puderam minha dor de amor sentir.—  
4—2—3—4—2—9—4—5.

Pedras amigas! Leito do vadio,  
Lembral reconhecidas meus carinhos,  
Quando vos aqueci morto de frio!

Monção.

M. Gonçalves Ribeiro.  
(Majogori)

## Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas  
na *Ilustração Portuguesa* as decifrações  
das produções insertas n'este numero

—Toda a correspondencia relativa a  
esta secção deve ser enviada ao *Seculo*  
e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o  
direito de não publicar produções que  
julgue imperfeitas

—Só é conferido o Quadro de Honra  
a quem env'e todas as decifrações exa-  
tas, que deverão ser entregues até cinco  
dias após a saída d'este numero, ás 16  
horas, na sucursal do Roclo.

—Todas as produções devem vir escri-  
tas em separado e os enigmas pitorescos  
bem desenhados em papel liso e tinta  
da China.

—Os originaes, quer sejam ou não pu-  
blicados, não se restituem.





TRABALHOS TIPOGRAFICOS  
—EM TODOS OS GENEROS—

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA  
Rua do Seculo, 49 — LISBOA

# AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

## Rainha da Hungria

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel.  
Não é untoso. As senhoras que o usam tem uma pelle ideal

### TONICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos  
Cura a caspa, a canice, a calvicie e todas as doenças de couro cabelludo em todas as idades  
e em todos os casos.

### TINTURA VILDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

### Depilatorio Vildizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

### Depilatorio electrico radical e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.  
Resposta, mediante estampilha, á

## Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23

Teletone 3614-N.

## INSTITUTO NACIONAL

DE  
ENSINO POR CORRESPONDENCIA

L. Trindade Coelho, 6

LISBOA

Cursos de Escrituração por partidas simples e dobradas, Contabilidade, correspondência Comercial e prática de comercio.

A duração dos cursos depende do tempo que o aluno puder dispensar ao estudo, sendo possivel fazer qualquer dêles em 3 meses, ou em menos tempo.

Não é necessario sair de casa nem prejudicar as occupaões habituais. Resultados superiores aos que se obtem geralmente no ensino em classe. Matricula em qualquer dia do ano. Diploma no fim dos cursos.

O I. N. E. por corresp., fundado em Janeiro de 1919, tem alunos em todo o continente, ilhas, colónias, Brasil, E. U. da America e outros países.

Peçam os prospectos que vão ser fornecidos gratuitamente com todos os esclarecimentos para a matricula.

## Restaurant Bonjardim

9, T. de Santo Antão, 11

Jantares e almoços de mesa redonda e por lista

Um habilissimo cosinheiro e magnifico serviço de cosinha



### Coroás

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria. é na

Camelia Branca  
L. D'ABEGGARIA, 50  
(no Chiado) - Telf 3270

## CASA RUBI

Telefone: Central 3851

ILUMINAÇÃO, HIGIENE

E AQUECIMENTO

120 — R. dos Retrozeiros — 122

**Perfumaria  
Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

## DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr, corôas d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.º

Lêr na proxima segunda-feira, em O SECULO,  
**DESPORTOS E EDUCAÇÃO FISICA**





CADA 220x00 ESCUDOS

A FAMA DOS IRRADIADORES ELETRICOS

**THERMOQUARTZ**

JÁ CHEGOU ATÉ AO POLO!

• MAXIMO CALOR, MINIMO CONSUMO!

**ELETRIGIA**

SANTA JUSTA, 87